

FABIANA CRISTINA EVARISTO



1290000016



FE

TCC/UNICAMP Ev17c

A CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DESSA RELAÇÃO.

CAMPINAS - 1998

UNICAMP - FE BIBLIOTECA

Fabiana Cristina Evaristo

**A Criança e a Literatura Infantil na Escola: Uma Análise
Crítica Dessa Relação**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia
com habilitação em Administração Escolar da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

**Campinas, SP
1998**

UNIDADE... FE

Nº CHAMADA:
TCC/UNICAMP

Ev17c

V:.....EX:.....

TOMBO: 16

PROC: 129/2003

C:.....D: X

PREÇO: 11,00

DATA: 28/10/03

Nº CPD: Pub-id 309351

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

Ev17c

Evaristo, Fabiana Cristina.

A criança e a literatura infantil : uma análise crítica dessa relação / Fabiana Cristina Evaristo. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Ezequiel Theodoro da Silva.

Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Prazer. Leitores - Formação*. 4. Textos. I. Silva, Ezequiel Theodoro da. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Campinas, _____ de julho de 1998.

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

Dedico esse trabalho de conclusão de curso
a quem esteve presente em todos
os momentos de sua execução,
nas conquistas durante a pesquisa,
nos desencontros
e nas alegrias: à minha mãe.
Companhia e companheira que
participou muito em minha
busca de conhecimentos e que sempre
procurou alimentar as minhas idéias.

(...) "Eu, querendo abrir
as sete chaves com que fui trancada
marco o papel.
Risco e rabisco,
riscando sobre o riscado,
maneira de manter abertos
nossos dois olhos humanos
postos sobre a cara
para o melhor enxergar.
(No entanto, quantos se ocupam
de o melhor velarem!)
Testemunho o meu tempo,
maneira de dar meu grito,
saber, pelo menos:
não será falta de berro.

Não será por falta d'água
que se queixará de ir à fonte (...)"

Nilma Gonçalves Lacerda

Ao meu futuro esposo Eduardo pelo seu carinho e paciência,
aos meus pais e familiares, pela compreensão e companhia,
ao meu orientador, pela dedicação e confiança,
aos meus amigos da turma\94 pelo incentivo e trocas,
à equipe técnica da escola estadual pesquisada,
à Mila, à professora Roseli Cação, à Daniela,
e a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu
pudesse dar meu testemunho, meu "berro", com os olhos bem
abertos enquanto tantos "se ocupam de o melhor velarem".

*"Para mim, livro é vida; desde
que eu era muito pequena, os
livros me deram casa e comida.
(...) Só por causa de uma razão: o livro
agora alimentava a minha imagina-
ção. Todo dia a minha imaginação
comia e comia; e de barriga
assim toda cheia, me levava pra
morar no mundo inteiro: iglu, caba-
na, palácio, arranha-céu, era só
escolher e pronto, o livro me dava.*

*Foi assim que, devagarinho, me
habituei com essa troca tão gostosa -
que - no meu jeito de ver as coisas -
é a troca da própria vida; quanto
mais eu buscava no livro, mais ele
me dava. Mas como a gente tem
mania de sempre querer mais, eu
cismei um dia de alargar a troca:
comecei a fabricar tijolo pra - em
algum lugar - uma criança juntar
com outros, e levantar a casa onde
ela vai morar."*

Lygia Bojunga Nunes

Sumário

RESUMO.....	7
CAPÍTULO 1 - <u>Introdução</u>	8
CAPÍTULO 2 - <u>Objetivos do trabalho</u>	12
CAPÍTULO 3 - <u>Suportes teóricos</u>	14
3.1 Breve Histórico da Literatura Infantil.....	14
3.2 Uma Tipologia de Leitura: a Leitura Prazer.....	15
3.3 O Encaminhamento da Leitura-Prazer na Escola..	17
CAPÍTULO 4 - <u>Pesquisa da Realidade</u>	22
4.1 Da Metodologia	22
4.2 O Encontro com a Escola.....	24
4.3 A Voz e a "Vez" dos Alunos.....	28
4.4 Organização da Informações Coletadas.....	30
CAPÍTULO 5 - <u>Conclusões</u>	51
ANEXOS.....	55
Anexo I: Entrevistas com os Alunos.....	55
Anexo II: Entrevista com a Coordenadora da escola..	84
Anexo III: Entrevista com Wanderlei Geraldí.....	89
Anexo IV: Entrevista com Nelson Marcelino	94
Anexo V: A Ficha de Leitura.....	96
BIBLIOGRAFIA.....	97

RESUMO

A CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DESSA RELAÇÃO

Fabiana Cristina Evaristo

Este trabalho teve início a partir de observações em sala de aula do Ciclo Básico, numa Escola Estadual de Campinas, onde surgiram indagações a respeito da literatura infantil. Acompanhando cerca de trinta e cinco alunos, em início de escolaridade, na biblioteca, notou-se que, apesar de haver um acervo que pudesse ser considerado de boa qualidade, muitas crianças não se sentiram atraídas pelos livros.

Na tentativa de compreender os motivos dessa aparente “desmotivação” por parte dos alunos frente aos livros de literatura infantil, abordamos aspectos da relação entre a criança e a literatura infantil, tendo em vista a importância das obras literárias na formação de um indivíduo. Rocha (1983) esclarece que, por vezes, a escola é o único espaço que as crianças possuem para poderem entrar em contato com a literatura. Se esse espaço for bem aproveitado, tendo a criança uma relação prazerosa com as obras, garantiremos a ela o acesso ao mundo da fantasia que permeia as histórias infantis.

Neste estudo, a nossa preocupação esteve voltada para a questão da literatura enquanto prazer/fruição para o leitor. E quanto a essa tipologia de interlocução entre leitor e texto, Geraldi (1984) afirma que a leitura “fruição do texto” é uma leitura formativa, que traz a experiência estética da leitura do imaginário, que se passa com o sujeito. O indivíduo incorpora como experiência de vida aquilo que o texto contém, de forma que a fruição traga um prazer que marque a história de vida do leitor. Para tanto, dentro da relação criança/obra literária, foram investigados alguns aspectos que julgamos relevantes para o desenvolvimento deste estudo, dentre os quais destacamos: o comportamento de uma criança diante da obra literária; os elementos que influenciam esse comportamento; o acesso dos alunos aos livros; a contribuição das leituras feitas na sua formação enquanto leitor e sujeito; bem como, o efeito da experiência da leitura na vida do aluno.

Para o levantamento de informações, optamos por uma pesquisa qualitativa e por se tratar de um estudo de caso, abordamos apenas uma vertente dentro do fenômeno da leitura da literatura, ou seja, o livro de literatura enquanto uma possibilidade de prazer/fruição. Primeiramente, fizemos a descrição do contexto escolar de uma quarta série, numa Escola Estadual de Campinas e posteriormente entrevistamos os alunos da classe pesquisada e a coordenadora da escola.

Diante de todos os aspectos levantados durante a pesquisa, percebemos que apesar dos alunos demonstrarem interesse nas leituras, o livro literário tem sido visto como uma obrigação, um cumprimento de tarefa. O acesso aos livros é restrito, bem como o espaço que a literatura ocupa nas aulas. O saber que importa na escola é aquele já sistematizado e preparado pelo professor, sendo que o conhecimento que poderia advir no contato da criança com as obras é desprezado.

1 INTRODUÇÃO

A partir de observações em sala de aula do Ciclo Básico, numa Escola Estadual de Campinas, surgiram indagações a respeito da literatura infantil. Em 1996, um grupo de aproximadamente trinta e cinco alunos, em início de escolaridade, foi observado em atividades desenvolvidas na biblioteca, orientados pela professora, e notamos que, apesar de haver um acervo que pudesse ser considerado de boa qualidade (com obras e autores reconhecidos como: Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Eva Furnari, entre outros), muitas crianças não se sentiram atraídas pelos livros. Por que a desmotivação havia ocorrido se a espera pelo dia de ir à biblioteca era grande, pelo menos para a maioria?

Durante a aula, a professora selecionava algumas obras literárias e as distribuía entre os grupos de alunos. Aproximadamente uma dezena de crianças lia a obra do início ao fim, enquanto as demais interrompiam sua leitura para conversar com os colegas ou inventar pequenas brincadeiras que não pudessem ser percebidas pela professora.

A partir dessas constatações feitas, outras questões importantes foram levantadas: porque esse tipo de atividade não foi aceito como prazeroso para todos e qual o motivo que fez com que essa grande parcela de crianças ignorasse as obras à disposição?

Desse modo, esse trabalho se coloca como uma tentativa de compreensão dessa aparente “desmotivação” por parte dos alunos frente aos livros de literatura infantil, abordando aspectos da relação entre a criança e a literatura infantil. Para tanto, é necessário saber quem é esse leitor e que história de leitura carrega consigo. Na busca de respostas, foram feitas entrevistas com os próprios sujeitos envolvidos.

Ruth Rocha (1983) esclarece que, por vezes, a escola é o único espaço que as crianças possuem para poderem entrar em contato com a literatura. Se esse espaço for bem aproveitado, tendo a criança uma relação

prazerosa com as obras literárias, garantiremos a ela o acesso ao mundo da fantasia que permeia as histórias infantis. Caso contrário, os alunos serão privados da possibilidade de fruição da literatura.

Privando o aluno do gosto da literatura, podemos estar privando-o de uma forma ativa de lazer, já que a literatura pode ser considerada essa forma de lazer, ou seja, uma atividade que proporciona o descanso e o repouso depois das atividades obrigatórias do dia-a-dia. Nelson Marcelino¹ professor da Faculdade de Educação Física/UNICAMP, define lazer como a cultura vivenciada, que é praticada, consumida e conhecida no tempo disponível, de livre escolha, dando prazer e propiciando à pessoa condições de descanso, desenvolvimento e divertimento. Apesar de afirmar que o lazer dá prazer, ele faz distinções entre os dois. Para fazer essa distinção, dá o exemplo do ginasta que muitas vezes tem que levar muitos tombos até chegar à perfeição dos seus movimentos. Enquanto que a platéia que está em seu momento de lazer, delicia-se com a leveza do ginasta, sem imaginar o que é preciso para se chegar a tal movimento.

Dada a importância do lazer na vida de um indivíduo, Marcelino coloca que a escola também tem o seu papel a cumprir. Ela deve educar para o lazer, mostrando a sua importância para uma vida feliz. Nesse sentido, a literatura pode ser um desses conteúdos culturais ligados aos interesses artísticos do lazer.

No entanto, a literatura somente poderá ser considerada uma forma de lazer se puder se tornar um objeto de prazer para o leitor. Tudo aquilo que se faz obrigado, sem a existência de um desejo de fazê-lo não será repetido no lazer, já que este se caracteriza como uma fuga daquelas atividades obrigatórias. No lazer, a pessoa torna-se "dona" do seu tempo.

Observamos nas escolas que a literatura tem sido tratada como uma obrigação para o aluno; ele, muitas vezes, lê apenas para ser aprovado no final do ano letivo, ou então para se sair bem nas avaliações sobre a obra lida. Disso pode-se deduzir que a escola não tem cumprido seu papel de

¹ Entrevista realizada com Nelson Marcelino. A transcrição completa encontra-se no Anexo IV.

educar para o lazer, afastando os livros de literatura dos momentos de livre escolha para os alunos.

Cunha (1986) afirma que a literatura pode ter um papel bastante relevante como uma forma ativa de lazer, mas vê como um grande problema o engano de quem lida com essas obras, principalmente o professor. Afirma a autora:

"A idéia de que a leitura vai fazer um bem a criança ou ao jovem leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impomos a colher de remédio, a injeção, a escova de dentes, a escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de ler uma obra que não lhe diz nada, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumpriu as regras do jogo que ele não definiu, nem entendeu. É a tortura sutil e sem marcas." (1986:41)

Neste estudo, a nossa preocupação esteve voltada para a questão da literatura enquanto prazer/fruição para o leitor. Para tanto, foi investigado qual o tipo de relação entre a criança e as obras de literatura infantil, se prazerosa ou obrigatória. Sabendo ser importante uma educação para o lazer e tendo aí a literatura um papel importante a cumprir, é preciso considerar que se a atividade é obrigatória, ela não servirá como lazer.

Tomando como preocupação maior desta pesquisa saber se a escola forma o gosto pela leitura, como o professor tem tratado essa questão nas escolas? É o professor, geralmente, quem determina qual o livro a ser lido, qual o tempo a ser gasto com a leitura, além de cobrar essa leitura através de avaliações.

O problema torna-se mais sério se pensarmos, como afirma Ruth Rocha (1983), que a escola é um dos poucos espaços onde a criança entra em contato com a literatura. E, dessa forma, o leitor poderá acabar achando possível a existência do livro se ele tiver letras e completar sua alfabetização. Assim, como coloca José (1984), o livro irá tornar-se "tarefa". O prazer se confunde com a obrigação e na escola o prazer e a liberdade podem não se fazer presentes nos currículos.

Silva e Zilberman (1990) também apresentam como dilema da literatura nas escolas a diretividade dada pelo mediador, ou seja, o

professor. Afirmam que é impossível substituir o prazer que propicia a leitura por um objetivo escolar cobrado em avaliações.

Além disso, Zilberman (1990) acredita que o mundo vivido pelos personagens e heróis das histórias, por mais diferente que seja da realidade vivida pelo leitor, o faz refletir sobre seu próprio cotidiano, incorporando novas experiências em sua vida.

A autora vai além: o leitor, não se esquecendo de sua realidade, expande as dimensões do que lhe é conhecido e absorve novas informações através da imaginação. Mas somente irá decifrar esses novos dados por meio do intelecto. Conclui que, por isso, trata-se de uma atividade globalizante e dificilmente substituível por outra.

Em função dos modos pelos quais ocorre a prática de leitura na escola de primeiro grau, os alunos ficam isolados com seu prazer ou desprazer e as suas dúvidas durante a leitura. Contrariando essa prática, Zilberman (1990) vê na leitura um estímulo para o diálogo. Diálogo que permite a troca de experiências, o confronto de gostos, e que aproxima as pessoas, colocando-as numa situação de igualdade, já que todos estão capacitados para tal.

Por ser a escola, para muitas crianças, o único ou o principal espaço onde ocorre sua relação com a leitura, procuramos algumas possíveis respostas para o fenômeno, entrevistando alguns alunos da quarta série do primeiro grau.

2 OBJETIVOS DO TRABALHO

Sabemos que a crise da leitura é um dos graves problemas enfrentados pelas escolas nos dias de hoje. Pesquisas têm mostrado que os alunos têm lido cada vez menos. Em Campinas, um levantamento² mostrou que 25% dos estudantes do período noturno chegam à sétima série sem nunca ter lido um livro.

Assim, tendo como alvo este problema procuramos identificar os motivos pelos quais a criança não aborda o livro literário visando o prazer, visto que cada vez mais a produção de livros de literatura infantil tem se preocupado em adequar-se à faixa etária a que se destina, produzindo obras de boa qualidade, com ilustrações bem feitas e textos que alimentam a imaginação da criança.

Dentro deste contexto, então, o presente trabalho foi desenvolvido buscando responder às seguintes questões: **Qual o comportamento de uma criança diante de uma obra literária? Que elementos influenciam esse comportamento? Como é o acesso aos livros? Qual a possibilidade de escolha das obras pelas crianças? Em que as leituras feitas até então puderam modificar essa criança, qual a contribuição na sua formação enquanto leitora e enquanto sujeito? As leituras feitas na escola tornam-se uma experiência positiva na vida da criança?** Ao responder essas questões, procuramos também explicitar a concepção de leitura dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

O grupo de sujeitos investigados neste trabalho foram alunos de quarta série, na faixa etária de dez a onze anos. O critério de escolha dos

² Reportagem do jornal Correio Popular, do dia 16 de Março de 1997, traz como manchete: "Alunos da rede estadual ignoram literatura". Nesta notícia, os principais motivos que aparecem para explicar a aversão dos alunos aos livros são os métodos utilizados pelos professores nas aulas, que causam desprazer na leitura, falta de incentivo dos pais, falta de liberdade na escolha do livro e falta de material de leitura.

sujeitos foi o de entender a relação do livro literário com a criança, considerando-se que esta já possui uma experiência escolar maior, ou seja, crianças já alfabetizadas e que possuem uma experiência maior com o processo formal escolar e com a leitura/literatura.

Este trabalho pretendeu, então, obter respostas que mostrassem o pensamento das crianças de escola pública sobre os livros literários infantis e apontassem qual o papel da escola nesse processo.

3 SUPORTES TEÓRICOS

3.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Segundo Edmir Perroti (1986), desde a Antigüidade a literatura foi entendida como veículo de transmissão de valores. Durante a Idade Média, a Escola continuou a servir-se da literatura por seu efeito moral e estético. E só a partir da Contra-Reforma que foram feitas obras destinadas especificamente para crianças e jovens, quando, segundo Cunha (1986), a criança passou a ser considerada diferente do adulto, com características e necessidades específicas.

Perroti (1986) salienta que essa nova literatura, destinada para crianças e jovens, não abandonou o caráter utilitário para a transmissão de valores. A classe burguesa, vitoriosa em 1789, ajustava as obras literárias a seus objetivos e necessidades, veiculando a ideologia burguesa. Procurava-se, através das histórias, apresentar um modelo de vida segundo os interesses dessa nova classe emergente. Sem dúvida, um modelo que facilitasse à burguesia a sua permanência no poder.

No Brasil, até 1970, perdurou, por sua própria condição de antiga colônia da Europa, a concepção utilitária de literatura; dessa forma, as obras deveriam atuar junto ao leitor para integrá-lo à ordem social vigente.

Mesmo as primeiras obras de Monteiro Lobato, publicadas na década de 20 (vale lembrar que Lobato foi o pioneiro em obras específicas para crianças no Brasil - antes dessa data, os livros eram importados de Portugal ou traduzidos), somente modificaram a concepção de leitura somente a partir dos anos 70, pois só nessa época surgiu como consumidor um novo público urbano, sustentando o processo de renovação e colocando em cheque a função prevalecente da literatura infantil.

Surgem, após 1970, escritores que produzem obras estéticas, abandonando o caráter moralista e utilitário. A partir dessas obras, uma nova compreensão de literatura começa a emergir; as obras passam a ser vistas enquanto manifestações estéticas. Perroti (1986) considera que a alteração na função de literatura só se deu com a evolução do capitalismo no país. Essa evolução teria redefinido a composição social, ocasionando a luta de classes. Face à luta de classes, não mais se admitiu a antiga relação de dominação na leitura de cunho utilitário.

3.2 UMA TIPOLOGIA DE LEITURA: A LEITURA PRAZER

Descrevendo os tipos e interlocução entre o leitor e o texto, Geraldi (1984) assinala quatro diferentes propósitos. O primeiro deles define-se como a leitura “busca de informações”, através da qual o leitor procura extrair do texto as informações que lhe interessam. Podem ser informações que estão “na superfície do texto” “em um nível mais profundo.”(1984 :27)

No caso de busca de informações, num nível mais profundo, não dependemos somente desta leitura, mas também da ligação com outros textos, com outras informações. Até mesmo no texto literário é possível acontecer a leitura como busca de informações (informações sobre indícios de época de livro, características dos personagens, etc.).

Outro propósito assinalado pelo autor é a “leitura estudo do texto”: através da qual exploramos o texto para detectar a idéia que ele defende, ou seja, a tese, argumentos, contra-argumentos, e a coerência entre a tese e os argumentos, desenvolvendo, assim, variadas formas de interlocução.

Como terceiro tipo, encontramos a leitura do “texto-pretexto”. Segundo a qual, a partir do texto lido, são múltiplas as produções que poderiam advir: dramatização, a produção de uma poesia, a produção de ilustrações, etc.

Na verdade, ele diferencia os tipos de leitura pelo objetivo de cada leitor. E isso ficou claro durante uma entrevista³ com Geraldi, onde ele

³ Entrevista realizada no dia 29 de Setembro de 1997 com o professor Wanderlei Geraldi, diretor do IEL/UNICAMP. A transcrição da entrevista encontra-se no Anexo III.

afirmou que na leitura “busca de informações” o leitor vai ao texto com as perguntas e extrai as respostas, ou seja, ele faz questões ao texto; no “estudo do texto” ele irá ao texto ver que perguntas ele tem a responder, dessa forma ele olha para o texto como um objeto capaz de lhe dizer coisas; já na “leitura pretexto”, o leitor lê o texto com o objetivo de transformá-lo ou

usá-lo de acordo com a ação que queira fazer.

Geraldi ainda propõe a leitura “fruição do texto”, sendo esse o tipo de leitura que nos interessa neste estudo. Segundo ele, numa sociedade capitalista, onde o que importa de uma atividade é o seu produto, a fruição e o prazer passaram a não existir, pois são atividades não-rendosas. A escola, por sua vez, reproduz e prepara o aluno para esse sistema, privilegiando a produção em detrimento do prazer e a fruição. O que significa dizer que as avaliações das leituras feitas pelos alunos e o preenchimento de fichas terão sempre mais importância do que se ler por puro prazer.

Enguita (1989) traça relações diretas entre o capitalismo e a escola, pois tanto os alunos como os trabalhadores, por exemplo, passam por uma grande pressão para que nos espaços onde circulam (escola e fábrica) seja mantida a ordem; além disso, ambos vêm-se inseridos dentro de relações de autoridade e hierarquia (patrão-trabalhador / diretor-professor-aluno), além do trabalhador não poder decidir o que irá produzir, e nem o aluno não poder decidir o que irá estudar.

Portanto, por se tratar de escolas pertencentes a uma sociedade capitalista, é de se esperar que o sistema influencie o processo escolar, excluindo o prazer da sala de aula e enfatize a produtividade.

Na busca de prazer/fruição na escola, através da literatura, o professor deve estar ciente de que não há um objetivo definido a alcançar, como acontece nas relações capitalistas. Esse objetivo se define no processo, na vivência. Na verdade, nessa busca, deve-se remar contra a maré: onde a maioria procura produtividade, deve-se buscar o prazer e a fruição.

3.3 O ENCAMINHAMENTO DA LEITURA PRAZER NA ESCOLA

Mas como formar o sujeito pelo prazer?

Segundo Geraldi, durante entrevista, o prazer é algo do qual o sujeito nunca vai se esquecer por estar contido em si, sendo interno e particular. Não se pode dizer que o prazer passa pelo indivíduo, mas se passa com ele, nele. Sendo

algo muito particular, o que poderá causar prazer para um pode não causar para outro. Pode-se dizer até que o prazer é formador do tempo. Aquele “tempo/prazer” será usado para si, enquanto durar, portanto, a atividade será um mero passatempo. Assim, a leitura fuição/prazer é uma leitura formativa, que traz a experiência estética da leitura do imaginário, que se passa com o sujeito e, ao mesmo tempo, não se passa, não havendo espectadores, somente atores. O ator, “dono” do seu tempo, escolhe aquilo que irá ler, de acordo com seus interesses. Já a leitura passatempo, seguindo esse raciocínio, é a leitura lazer, a que se faz sem grandes pretensões. Procurando se distrair, o sujeito lê enquanto espera ser chamado pelo médico, somente para o tempo passar mais rápido, sem a pretensão de buscar prazer ou informação, apenas lendo.

É necessário esclarecer que Geraldi faz uma distinção entre leitura por **simples prazer** e leitura por **fuição/prazer**. Para ele, na leitura fuição/prazer o sujeito incorpora como experiência de vida aquilo que o texto contém, não se tratando pura e simplesmente dum ato prazeroso que se esvai nele mesmo; a fuição contém um prazer que marca a história de vida do sujeito.

Já para Roland Barthes, (1993) na definição de prazer e fuição há margem para variadas interpretações, que dependem do “olhar” de quem define esses termos. Ele, porém, faz algumas considerações sobre a definição de fuição e prazer. Assim, define o texto de prazer como aquele que vem de encontro com a cultura, não rompe com ela, tornando-se uma prática “confortável” de leitura, enquanto que o texto de fuição

“desconforta”, abala as estruturas, mexe com as bases históricas, culturais e psicológicas do leitor. Essa distinção é sutil, porque, segundo Barthes (1993), o prazer é, por momentos, extensivo à fruição ou oposto à ela.

Não ver a diferença que existe nesses dois termos, para esse autor, é ver a história como algo pacífico, a história que passa por nós e não nos atinge, ao passo que ver a fruição e o prazer como “forças paralelas”, é nos vermos como sujeitos da história que flui e se forma pelo texto.

A diferença mais marcante dos dois termos, seguindo esse raciocínio, é que o prazer é dizível, mas a fruição não (não se pode falar dela, somente estar nela). Portanto, percebemos que o prazer não pode ser entendido totalmente separado da fruição, apesar das diferenças sutis. Ambos existem lado a lado, são “forças paralelas”, que, apesar de serem muito particulares para cada indivíduo, o que causa prazer/fruição para um pode não causar para outro. Esse tipo de leitura torna-se uma experiência significativa para a formação do sujeito como um todo, tornando o indivíduo não só um sujeito informado, mas também formado.

Refletindo a respeito da leitura enquanto prazer/fruição em sua vida, Abramovich (1991) afirma que:

“E essa volúpia de ler, essa sensação única e totalizante que só a literatura provoca (em mim, pelo menos...), esse ir mexendo em tudo e formando meus critérios, meus gostos, meus autores de cabeceira, e lendo os que me marcaram ou mexeram comigo dum jeito ou de outro (e até me decepcionar com a memória que guardava algo melhor...), esse perceber que o ler é um ato fluido, ininterrupto (mas onde tudo pode coexistir, como numa improvisação jazzística), de encantamento e de necessidade vital, é algo que trago comigo desde muito, muito pequenina...E foi o que me tornou essa viciada total em ler que sou até hoje!

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens.... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível....E continua, lindamente, sendo exatamente isso! “
(Abramovich1991, 13-14).

Dessa forma, percebemos que a leitura prazer/fruição, que é marcada pelo processo de formação do sujeito, fica como um ensinamento para a sua vida. E quanto maior for a experiência do indivíduo, maior será a sua fruição e, apesar desse processo ser bastante particular, o professor pode fazer a mediação entre a leitura/prazer e a criança.

Geraldi coloca que o primeiro tipo de mediação que o professor pode fazer é excluir da escola a idéia de que esta deve funcionar em função de objetivos, de informação imediata, para uso imediato. Para maior esclarecimento, ele coloca que na leitura "busca de informações" o sujeito que vai ao texto é um usuário do texto, é um sujeito que consome; na leitura "estudo do texto", o sujeito torna-se informado; na leitura como pretexto, o indivíduo torna-se um sujeito agente; a leitura como fruição tornará o indivíduo experiente no sentido de sabedoria.

E ser experiente não é extrair coisas, é participar das coisas que mexem com o indivíduo; nas palavras de Geraldi, (1997) é transformá-lo, comovê-lo, não no sentido de "como ver" (referindo-se ao modo de ver - visão), mas de "co mover", de movimento, que "movimenta o sujeito com". Portanto, o primeiro tipo de mediação que o professor pode fazer é colocar o livro estético à disposição do aluno, é dar a oportunidade para que essa leitura ocorra, saber que pode ser desenvolvida e que não dá para avaliá-la de imediato, mas que há um espaço que vai durar a vida toda.

O segundo tipo de mediação que o professor pode fazer, segundo Geraldi, é o de apontar certas coisas que o próprio texto quer mostrar. O texto literário, o texto ficcional, faz as pessoas pensarem sobre o mundo que não vivem através das histórias e personagens, levando-as a refletirem sobre o mundo em que elas vivem. Esse trabalho é chamado de elicitación, porque o professor é um leitor mais experiente do que o aluno e, por isso, capaz de formular questões sobre o texto, de elicitar mais coisas e melhor promover a reflexão. Então, nesse processo de formação, o professor seria o interlocutor do leitor, do texto e do autor, numa relação "triádica".

Geraldi vê na recuperação do prazer da leitura o ponto básico para o sucesso de qualquer "esforço honesto" de superação da crise na leitura.

Mas como tem sido a prática de leitura na escola de primeiro grau? Tem-se trabalhado a leitura fruição do texto, caminho apontado por Geraldini como o mais "honesto" para o incentivo à leitura?

Em relação a essa questão, Rocha (1983) recomenda que a leitura seja trabalhada de forma mais livre: "Da mesma forma que a criança faz um desenho e ninguém deve criticá-la, a criança deve ler e deve ter a liberdade para se externar sobre o livro, para dizer que não gostou, para criticar certas coisas." (Rocha, 1983:5) Esta autora propõe uma alteração no modo de se trabalhar a leitura com a criança porque percebe que tem sido tratada como uma tarefa, uma obrigação escolar.

Segundo Garcia (1988) selou-se, nos anos 70, uma aliança entre escola e a leitura através de leis e reformas. Dessa aliança, o que se pôde observar foram metodologias rígidas de leitura, guias, adequação dos livros à faixa etária, etc. Isto significou o início da obrigatoriedade da leitura nas escolas.

Martins (1991) salienta que a leitura nas escolas se limita aos livros didáticos, sendo esta a única oportunidade de contato com algum livro. Ao denunciar esse fato, afirma que os livros didáticos

"(...) resultam em manuais de ignorância; mais inibem do que estimulam o gosto de ler. Elaborados de modo a transmitirem uma visão de mundo conservadora, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades a serviço das ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores." (1991:25)

Em relação a experiência do sujeito enquanto leitor, Foucambert (1994) afirma que, para se tornar um leitor de fato e não apenas um decifrador de códigos, o leitor deve estar envolvido com os escritos e o lugar para ler, um local onde as razões para a leitura sejam "intensamente vividas".

A "Era Da Leiturização" que Foucambert apresenta é perpassada por uma leitura que não busca somente a informação, mas também que forma o sujeito. Ele privilegia, portanto, uma leitura tendo em vista a fruição do texto pelo sujeito. De acordo com esse raciocínio, o método adotado deve

preocupar-se com o poder que é conferido à criança, a maneira de aprender é que dá poder, muito mais do que aquilo que se aprende. A criança deve se encontrar com os escritos e desenvolver, ela própria, a maneira de utilizá-los. O professor deve se preocupar com o que pode oferecer para seu aluno ler e sua formação, enquanto profissional, deve tender a torná-lo "um perito em literatura infantil", para que possa conhecer as obras, analisá-las e até mesmo saber refletir sobre seu poder de exclusão perante crianças não pertencentes à classe média.

Como proposta de ambiente de leitura para o que chama de "biblioteca-centro-de-documentação", Foucambert defende que este deve ser um local:

"(...) onde estão reunidos, inventariados e classificados os livros e os documentos outrora dispersos pelas salas de aula.

- . um local natural de mostra e exposições da escola,*
- . um local de encontro, de prazer e descoberta,*
- . um centro de recursos e um local de leitura,*
- . um local em que se participa de animações,*
- . um local de produção e criação,*
- . um local onde se aprende a fazer funcionar e gerir,*
- . um local de formação. (1994:36)"*

A prática de leitura que parece estar sendo vivenciada pela maioria dos estudantes é adversa a essa apresentada por Foucambert: os alunos são destituídos da liberdade de escolha; inseridos numa metodologia rígida de leitura tendo, por vezes, somente a leitura dos livros didáticos que, por seu caráter ideológico e sua própria estrutura (textos curtos ou trechos de livros sem significado para o aluno), inibem o gosto pela leitura.

4 PESQUISA DA REALIDADE

4.1 DA METODOLOGIA

Para o levantamento de informações que apontassem a relação da criança com o livro literário, optamos por uma pesquisa qualitativa, que teve o ambiente natural - a escola - como a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Por ser um estudo de caso, abordamos apenas uma vertente dentro do fenômeno da leitura da literatura, ou seja, procuramos, nesta pesquisa, abordar o livro de literatura enquanto uma possibilidade de prazer/fruição para alunos de uma escola pública de Campinas, São Paulo.

Para podermos entender melhor como se dava o processo de leitura na escola, utilizamos diversas fontes de informação. Primeiramente, fizemos duas entrevistas para esclarecimentos teóricos. Uma delas foi realizada com o professor Wanderlei Geraldi, diretor do IEL/UNICAMP, procurando uma melhor compreensão das tipologias de leitura descritas em seu texto, bem como, o entendimento da diferenciação existente entre a fruição e o prazer. Na outra, entrevistamos o professor da FEF/UNICAMP, Nelson Marcelino, no qual pudemos compreender a distinção existente entre o prazer e o lazer.

Fizemos a descrição do contexto escolar, procurando verificar quem são os sujeitos envolvidos nesse processo, como é o ambiente vivido por eles, quais são as atividades de leitura e qual o espaço da literatura no currículo. Para tanto, acompanhamos uma classe de quarta série em algumas de suas aulas de português e sua ida à biblioteca com a professora.

Posteriormente, fizemos uma entrevista com algumas dessas crianças. Entrevistamos vinte alunos de dez a onze anos de quarta série dessa escola.

1. Descrição Do Contexto Escolar

Do contexto escolar procuramos caracterizar:

■ a biblioteca da escola: documentos e relatos orais, seu histórico, elaboração desse histórico e a maneira como ela está organizada.

■ a sala de aula : descrição da sala de aula e o espaço para as aulas.

■ o ambiente leiturizador: momentos de leitura durante a pesquisa de campo, observando e descrevendo o comportamento dos sujeitos, registrando diálogos e os eventos que ocorreram.

Esse levantamento foi feito para verificar a presença de "indicadores" da leitura fruição/prazer e para melhor conhecer o cotidiano escolar.

2. A Entrevista

Consideramos mais oportuna a entrevista semi-estruturada. Assim, pudemos melhor explorar as respostas à medida em que o sujeito ia respondendo.

Com a preocupação de não se perder a essência do diálogo que se estabeleceu entre o pesquisador-pesquisado (o tom de voz, o ritmo da fala, as pausas,...) foi utilizado um gravador e transcritas as respostas literalmente.

Foi seguido o seguinte roteiro:

- Quem é o leitor?

Buscávamos informações, de forma descontraída, para melhor conhecer a criança, como por exemplo: onde mora, quem são seus amigos na escola, o que gosta de fazer no recreio, quais são suas brincadeiras prediletas,....

- Você gosta de ler? O que já leu e quais são suas leituras preferidas?

Procurávamos, com essa questão, perceber se alguma leitura foi realmente significativa para a criança, quando e porquê.

- O que gostaria de ter lido e não pôde dentro da escola?

Procurávamos encontrar o tipo de leitura que a motiva e o que lê fora dos espaços escolares.

- A sua aula de leitura é da forma como você gostaria que fosse ou existe algo que poderia mudar?

O que pretendíamos nesta parte da entrevista, foi verificar se a criança percebe que a escola é ou pode ser um espaço para o prazer. E, ao mesmo tempo promover um momento de reflexão sobre a sua situação de leitura vivida na escola.

- Você pode levar livros para ler em casa? Se puder, quais você já levou? É a professor quem pede ou você quem decide levá-lo? Onde e como gosta de lê-los?

Procurávamos verificar se a leitura era feita somente por obrigação na escola ou se, nos momentos de lazer, o aluno também busca a leitura.

Investigamos, também, como é o acesso ao material de leitura.

- Quais são as atividades propostas em sala de aula a partir da obra lida?

Verificamos quais as atividades realizadas com o material, como se dá o processo de leitura e quem o determina.

- Você acha importante que as pessoas leiam? Por quê?

Verificamos a concepção de leitura que possui.

Incluímos, também, uma entrevista com a coordenadora da escola, a fim de coletar informações a respeito da organização e do histórico da biblioteca.

3. Análise Dos Dados

Após a coleta das informações, organizamos os dados e fizemos a análise. Buscamos relatar as impressões, "surpresas" e conclusões a partir dos objetivos deste estudo.

4.2 O ENCONTRO COM A ESCOLA

Em fevereiro de 1998, com as idéias mais organizadas e os objetivos mais definidos, fizemos o primeiro contato com a escola.

No primeiro contato tínhamos a esperança de poder já na primeira semana começar a acompanhar as aulas da classe selecionada para a pesquisa; no entanto, isso não foi possível, pois não se trabalhava com literatura logo de início. Com esse contratempo, só foi possível começar as observações na segunda semana.

A classe pesquisada possuía trinta e três alunos, mas no dia 16 de fevereiro, data do início efetivo das atividades, contava com apenas 28 . Notou-se que a sala de aula tinha um bom espaço, com carteiras e cadeiras novas e em número suficiente para todos os alunos. Pode-se dizer que a sala é limpa e bem iluminada. Além disso, possuía dois ventiladores de teto que funcionam muito bem. Existiam dois armários com material de uso dos alunos, como livros didáticos, folhas de almaço, sulfite, etc. Uma grande lousa em estado razoável e um mural/cartaz na lateral da sala que por um bom tempo ficou vazio.

Nesta escola trabalha-se com sala ambiente em todas as séries, desde a primeira até a quarta. Acompanhamos as aulas de português de uma quarta série, porém nada indicava que essa era a disciplina ministrada nessa sala; não há, por exemplo, nenhum cartaz afixado na classe.

Pretendíamos, durante três meses, observar a criança na biblioteca toda semana, já que cada professor possuía um horário por semana para freqüentá-la. O que se buscava era observar e analisar o comportamento dos alunos diante da obra literária na biblioteca, já que esse era o único local da escola onde as crianças tinham acesso a esse material.

Porém, a ida à biblioteca só veio realmente ocorrer quase um mês depois de iniciar as aulas. O motivo: a coordenadora estava organizando os livros da biblioteca, que estavam fora de ordem.

Somente no segundo mês de trabalho de campo é que o espaço da biblioteca foi liberado para as aulas. Durante os três meses de observação, a professora foi com os alunos à biblioteca somente três vezes. E quando questionada, argumentava que caso fosse, poderia ficar atrasada nos conteúdos de português.

Percebemos que eram priorizadas as aulas de gramática e interpretação em detrimento da leitura de literatura. Se a escola é, muitas vezes, o único espaço que as crianças possuem para lerem literatura e não se está oferecendo esse contato pelo menos uma vez por semana, como o aluno poderá formar o gosto pela literatura?

Sobre essa situação Souza (1993), em seu livro “A conquista do jovem leitor: Uma proposta alternativa”, relata a pesquisa de Lilian Lopes Martin da Silva (1986) que evidencia que no Brasil, durante as aulas de Português, não se lê literatura pela falta de tempo. Esse tempo, segundo a pesquisadora, reproduz o conceito dualista de que tempo é dinheiro. Noção essa que foi difundida nos séculos XVIII e XIX, com o objetivo de controlar o tempo de serviço do empregado dentro das fábricas e aumentar a sua produção⁴. Portanto, a idéia de que “tempo é dinheiro” possuía um direcionamento político: o capitalista lucraria se os empregados acreditassem nisso. Essa noção ainda está muito presente nas ações e na fala de muitos trabalhadores. O próprio fato da professora não ir à biblioteca por falta de tempo constitui-se como uma verdadeira prova disso.

Segundo a coordenadora, o que afastou os professores da biblioteca, foi uma desmotivação geral que se iniciou com a nova administração da escola em 1997. Foi relatado durante uma entrevista⁵ que nas administrações anteriores, a grande reclamação dos professores era que a biblioteca brilhava, mas ninguém tinha acesso a ela.

Assim, segundo a coordenador, nessa época, períodos anteriores a 1993, “os alunos não podiam ler à vontade, assim como é gostoso quando a gente está com vontade de ler, de ver livros. Eles tinham que ver os livros quando a bibliotecária solicitava”. E a bibliotecária somente solicitava que os alunos fossem a biblioteca quando sabia que haveria uma supervisora na escola. Ela chamava um grupo de alunos para “mostrar serviço”. Mesmo

⁴ TAYLOR, F. W. Princípios e Métodos de Administração Científica. São Paulo, Atlas, 1970.

⁵ Entrevista realizada no dia 31 de março de 1998 com a coordenadora da escola pesquisada. A coordenadora cursou letras, psicologia, tem formação em psicologia clínica, organizacional e psicologia escolar. A entrevista completa está no ANEXO 2.

assim, tudo naquela biblioteca “reluzia”, era tudo muito organizado, tudo era catalogado.

Quando a coordenadora iniciou seu trabalho na escola, no segundo semestre de 96, a situação já não era a mesma. O modelo de biblioteca havia se modificado nas escolas públicas de 1º grau. Aquele modelo com bibliotecário não existia mais. Porém, ela considera a figura do bibliotecário muito importante, porque ele zela pelos livros, aconselha os alunos e dá a possibilidade do aluno levar o livro para casa.

O que a coordenadora fez, nessa situação emergencial, onde não se tem mais um bibliotecário e existe um espaço para a biblioteca, foi combinar com os professores que eles estariam vindo à biblioteca, para ler espontaneamente, ver os livros, ler os jornais, ver as revistas e assim foi feito. Na sua avaliação, essa organização deu muito certo.

A partir de 97, a nova diretora achou que seria conveniente seguir as Diretrizes da Secretaria da Educação, ou seja, a escola não teria mais um espaço reservado para a biblioteca. Os alunos teriam acesso aos livros na própria sala de aula.

Só que a coordenadora percebeu que os livros foram desaparecendo. Para ela, alguns professores são bem mais organizados que outros e da quantidade de livros que a escola possuía, hoje existe apenas a metade. Além disso, ela percebeu que muitos livros ficavam empoeirados na prateleira da sala de aula. Supõe que os professores ficavam tão preocupados em ministrar os conteúdos previstos, que não abriam espaço para outras atividades.

Então a coordenadora resolveu “reconversar” com a diretora, para convencê-la da importância da existência da biblioteca. Ela levou a diretora até a biblioteca de uma Universidade, leu muito a respeito e elaborou um projeto para a biblioteca.

Argumentava que a Secretaria colocara esse modelo que biblioteca de

classe, mas na maioria das escolas a sala da biblioteca foi transformada numa sala de aula comum, pela própria falta de espaço e da figura do

bibliotecário. Salientou, ainda, em sua conversa com a diretora, que a escola estava perdendo “aquela coisa da biblioteca, aquela coisa gostosa, porque a biblioteca tem um sabor, ela tem um cheiro, tem uma cor super diferente do que eu ter os livros na minha casa ou no espaço da sala de aula”.

Foi conversando e reconversando com a diretora que ela conseguiu que a questão fosse reconsiderada. Todos os livros voltaram para a biblioteca, mas a coordenadora percebeu que muitos livros não tinham “voltado”. Ela assinalou que existem muitos professores possessivos, que não entendem que os livros são para eles e não “deles”. Com isto, livros se perderam.

Houve, na sua opinião, um descaso com a leitura, não na sua totalidade, mas aquela fome de ler e de ver as coisas que estavam sendo cultivadas, desapareceram. E isto ela percebe pela frequência com que as professora vêm à biblioteca.

Para a coordenadora, a escola tem um espaço interno e externo maravilhoso. Existem árvores sob as quais todos poderiam ler. Existem muitas outras possibilidades, porém o professor não as usa adequadamente. Considera que talvez seja pela falta de prática dos docentes ou mesmo a falta de acreditar que esse tipo de trabalho seja melhor do que aquilo que sempre fizeram.

Quanto ao incentivo à leitura na escola, ela acredita que o professor só poderá passar para os alunos aquilo que ele realmente sente. Se sentir o gosto, o prazer pela leitura, ele o passará para os alunos, porém, se ele não ler, não adianta incentivar o aluno à leitura que ele não vai ler nunca. O professor precisa estar gostando do que está fazendo para que faça com que o aluno goste também.

Mas e os alunos? O que eles pensam sobre a mudança da biblioteca de classe para a sala da biblioteca? Eles se dizem desmotivados a ler ?

4.3 A VOZ E A “VEZ” DOS ALUNOS

Num primeiro momento havíamos pensado em fazer as entrevistas com um aluno de cada vez, porém as condições reais da pesquisa modificaram essa intenção. Fiquei na sala dos professores munida de gravador e questões, esperando algum aluno. Os alunos, a pedido da professora, vinham em grupos de quatro ou cinco, o que fez com que a fala da primeira criança influenciasse a das demais (muitos copiavam a resposta do outro). Mas consideramos que mesmo assim, as respostas foram objetivas.

A maioria diz preferir ler na biblioteca e não na sala de aula. Os principais motivos foram:

S1⁶: " - *Porque aqui (na biblioteca) não pode fazer barulho e lá a gente vai ler e fica conversando*⁷ ".

S6: " - *Na biblioteca porque é mais silencioso, é mais legal*".

S10: " - *Porque a biblioteca é mais espaçosa, a classe é pequena e todo mundo fala na mesma hora e vira uma bagunça*".

S12: " - *Porque tem mais espaço, é mais grande e é melhor*. "

S14: " - *Ah, ficar em grupo, o espaço*."

S17: " - *Porque tem mais espaço e a gente fica em grupo*."

S18: " - *Para a gente ficar junto um com outro*."

Quando fizemos a questão, se eles gostavam de ler, a maioria disse que sim. Será, então, que essa desmotivação parte do aluno? As entrevistas mostraram o contrário: que eles gostam de ler e de ir a biblioteca sim.

O material preferido para a leitura foi o gibi. A revista e o livro "empatarem" no gosto das crianças. Os motivos apontados foram:

S11: " - *É mais interessante*".

S12: " - *O gibi, porque é mais legal*".

S14: " - *É mais legal para ler*".

⁶ S1 significa sujeito1.

⁷ Trechos da entrevista realizada nos dias 31/03 e 01/04 de 98. Foram entrevistadas vinte crianças da quarta-série da escola estadual. O texto completo da entrevista, ANEXO 1.

Outro dado interessante: a maioria dos entrevistados afirmou que gostaria de poder levar livros para ler em casa.

Apesar dos alunos saberem que não podem, pareceu-nos que ainda possuem esperança de poder levar os livros para casa. Dessa forma, respondiam que “por enquanto” não podem.

Numa das entrevistas, apareceu a procura de outras bibliotecas de modo que se possa levar o livro para casa.

O interesse pela literatura apareceu muitas vezes durante a entrevista. Pela fala do aluno, pareceu-nos que a desmotivação das crianças não é real. Em sua maioria, dizem **gostar de ler, gostar de ir à biblioteca e de levar os livros para ler em casa.**

Quanto às atividades realizadas depois da leitura, surgiram duas respostas diferentes. Um grupo respondeu que a professora ainda não havia dado nada, mas que logo começaria; outro grupo respondeu que ela dá interpretação de texto, referindo-se a leitura do livro didático. Realmente ela não havia dado nenhuma atividade para fazer a partir dos livros literários lidos na biblioteca, porém na classe, depois de ler o texto do livro didático, ela sempre pedia a interpretação de texto.

A professora já elaborou uma ficha de leitura⁸ que passará a dar em meados do mês de maio, segundo ela mesma relatou.

4.4 Organização das informações coletadas

Na tentativa de sistematização das respostas, optamos por recuperar algumas perguntas (que constam como objetivos desta pesquisa) e, a partir dos dados, bem como das leituras feitas, procuramos desenvolver algumas reflexões e considerações como possíveis respostas a essas perguntas.

⁸ O modelo de ficha de leitura utilizada por a professora desta escola encontra-se no ANEXO 3.

Qual o comportamento de uma criança diante da obra literária? Que elementos influenciam esse comportamento?

Recorte 1 - 10/03/98

A professora vai até a prateleira da biblioteca e entrega alguns livros para cada grupo e diz:

- Hoje vocês podem apenas manusear, olhar os desenhos, conhecer os livros. A partir da semana que vem vocês terão que lê-los mesmo, porque eu escolherei um de cada grupo para fazer perguntas ao outro.

Vou até o primeiro grupo e vejo que as meninas procuram livros que tenham pouco texto e muitas figuras. Elas me mostram o que irão ler. São histórias curtas e bem ilustradas.

No segundo grupo, as meninas escolheram um só livro e cada uma lê um parágrafo. Elas me contam que assim todas conhecerão a mesma história e acham assim mais "legal".

No terceiro grupo (só de meninos), os alunos copiam as ilustrações e alguns versos no caderno de casa. Um deles me pede para escolher outro livro. Digo que quem está organizando a aula é a professora e por isso devemos pedir permissão a ela. Chamo a professora e o aluno pede para escolher outro livro. Ela diz que não é possível que ele não tenha gostado de nenhum dos livros que ela lhe deu.

No quarto grupo (só de meninas), elas me mostram o que irão ler e reclamam que os livros são muito "grossos" e não dá nem para começar a ler em 30 minutos. Elas escolhem os livros mais finos e ilustrados.

No quinto grupo, os meninos estão se chutando por baixo da mesa e um deles reclama, dizendo que quer ler e não consegue. Eles só olham os livros e só um realmente lê.

No sexto grupo ninguém lê, os três meninos estão observando as figuras. Uma das figuras fazem lembrar do filme Titanic, mas ninguém assistiu. Eles comentam que amanhã será a entrega do Oscar.

Depois, pergunto se existe algum livro interessante ali. Eles dizem que não. Pergunto para eles o que gostariam de ler. Todos dizem que gostariam de ler gibis.⁹

⁹ Trecho extraído do Diário de Campo escrito durante a coleta de dados na escola.

Nesse dia, a professora propiciou aos alunos um contato mais “livre” com as obras literárias. Apesar de já se utilizar de uma ameaça: “semana que vem vocês terão que lê-los mesmo, porque eu escolherei um de cada grupo para fazer perguntas ao outro”. Na visita à biblioteca da semana posterior a essa, ela nem se referiu a sua proposta da aula anterior.

Diante da proposta de um contato mais “despretensioso” com as obras literárias, pudemos perceber que os livros suscitaram diferentes reações nos alunos, mas em nenhum momento eles foram desprezados.

Alguns alunos só “viam” os livros. Para tanto, observavam as ilustrações da capa, o título do livro, as ilustrações contidas no interior da obra, liam algumas frases que consideravam interessantes, faziam um trabalho de observação criteriosa da qualidade das ilustrações e da forma gráfica do livro. O que percebemos ser o interesse deles é avaliar o livro segundo a ilustração apresentada.

A ilustração é uma forma de expressão. Não se pode dizer que eles não se interessam pelo livro ou não estão lendo o livro. Eles realmente lêem o livro, mas lêem somente as ilustrações. O texto não interessou a esse grupo de crianças nesse dia; o que interessou foram as gravuras.

Quando se olha para um quadro, tenta-se decifrar o seu significado enquanto uma obra de arte, olhamos as figuras, as cores e cada um o decifra de acordo com os seus interesses: alguns podem olhá-lo como uma obra de época e tentar decifrar em que época foi pintado, o que o autor da obra quis dizer, procurando o significado daquele quadro; outros, porém, podem somente olhar, analisar as figuras, pensando o que quer dizer para ele aquela obra e avaliando se acha bonito ou não; e podem existir também outras interpretações e focos de análise.

Pensamos que na literatura infantil isso também pode ocorrer - variadas interpretações podem surgir de uma mesma obra. Ora, enquanto obra de arte, o livro também suscita nas pessoas uma interpretação particular, de acordo com a experiência de vida de cada um. Levando-se em conta essas considerações, os alunos liam as obras segundo seus interesses e faziam a interpretação do aspecto gráfico das obras.

Outros alunos copiavam as figuras e pequenos versos. Mais uma vez o interesse pela ilustração apareceu na relação da criança com o livro literário. O interesse pelas gravuras era tanto que queriam até copiar aquelas figuras para si. Como era proibido levar o livro para casa, a solução que encontraram foi a de copiar a ilustração que lhes causou interesse.

Os que copiavam pequenos versos procuravam no texto escrito a beleza da obra e faziam-no espontaneamente. Eles estavam lendo o livro? Sim, estavam, porque para se saber qual trecho mais lhe agradava era preciso ler. Ler o que gosta e ler o que não gosta, para, a partir daí, selecionar aquilo que realmente gostou, somente depois fazer a cópia.

E outros, ainda, conversavam sobre alguma figura que aparecia no livro. O livro despertava o diálogo. Afinal, eles não conversavam sobre qualquer coisa, mas sobre questões que o livro lhes despertava. Uma figura de barco fez lembrar de um fato de sua realidade: um filme que estava sendo elogiado pelo público e muitos críticos. Eles fizeram uma relação entre a obra e o seu cotidiano. Eles liam o livro? Também liam, faziam uma leitura das ilustrações e a relacionavam com um fato da realidade.

A minoria, porém, lia o texto escrito e as suas ilustrações.

Essa leitura ocorreu de duas formas: individualmente e coletivamente. O aluno que leu individualmente estava concentrado e até mesmo reclamava das conversas paralelas. Ficou a aula toda com o mesmo livro que iniciou. Demonstrou gostar de ler, já que nem mesmo a professora havia pedido que os alunos lessem os livros integralmente. Optou por ler.

Na leitura coletiva, as alunas combinaram que cada uma leria um parágrafo do livro. A escolha do livro foi feita coletivamente. Primeiro todas procuraram um livro com pouco texto. Uma delas encontrou um com pouco texto e também "bonito", ou seja, com ilustrações grandes e coloridas. Uma das meninas começou a ler e as outras, no começo, prestaram atenção. No decorrer da leitura, algumas comentavam algo com outra sussurrando, ambas riam. Depois continuavam a prestar atenção. De tempo em tempo, uma das crianças lembrava-se de um fato e o comentava, ora só para uma das alunas, ora para todas. E assim seguiu-se a leitura. Algumas vezes, a

leitora era corrigida por outra e a correção era aceita sem reclamações. Dessa forma, foram lendo até o término da aula.

Podemos notar que os livros não foram esquecidos e muito menos desprezados. Cada grupo ou indivíduo desenvolvia formas particulares de leitura, mas todos liam os livros. O que, numa observação casual poderia parecer um descaso, na realidade, era uma aula de leitura.

Questionamos qual o tipo de “leitura” que essas crianças faziam nessa aula.

Retomando os quatro propósitos de leitura levantados por Geraldí: “busca de informações”, “estudo do texto”, “texto-pretexto” e “fruição do texto”, julgamos que o último é o que mais se aproxima do caso estudado; no entanto, o aluno não foi comovido a pensar sobre sua vida, a refletir sobre sua realidade. No episódio das crianças que lembraram do filme Titanic a partir de uma gravura do livro, poderia ser um caminho para a busca da leitura fruição se o professor, um leitor mais experiente, observasse o comentário dos alunos e questionasse porque a figura fez com que os alunos se referissem ao filme, quais as relações da história do livro com a do filme... Muitas seriam as possibilidades do trabalho de elicitación pelo professor na relação da criança com a obra lida.

Recorte 2 -17/03/98

Um menino que faltou (na aula de leitura passada) perguntou onde poderia se sentar. Eu falei que poderia ver um lugar bom para ele. Ele resolve sentar-se sozinho, pois os grupos estão “lotados” (ele quis sentar-se com um grupo de meninos e ele disseram que o seu grupo estava lotado).

A professora chama todos os grupos para entregar o livro e não chama o menino. Ele levanta-se e vai à prateleira procurar um livro. A professora diz:

- Renato! O que você está fazendo aí? Sabe que não pode ficar aí, vá se sentar!

Ele senta-se e peço para esperar que eu o chamo.

Nisso, os alunos estão falando muito alto.

A professora diz que se não fizerem silêncio não poderão ler e que por isso têm de ficar quietos e que inclusive a vice-diretora já ficava pertinho caso precisasse. Assim as crianças começam a falar mais baixo.

Peço licença e vou aos grupos de alunos.

1º grupo: (somente meninas) Uma menina lia e as outras conversavam “viam” outros livros, não prestavam atenção à leitura. Até mesmo a menina que lia se “enroscava” em algumas palavras e creio que perdia o contexto. Uma menina vem me dizer que as meninas não entendem porque não estão prestando atenção. Logo que eu cheguei no grupo, a conversa acabou e elas ficaram em silêncio, esperando a minha reação .

2º grupo: (somente meninas) A mesma cena se repete: uma lê e ninguém sabe o que está lendo (duas prestam atenção e as outras conversam).

3º grupo: (somente meninos) Os meninos estão vendo figuras monstruosas e admirando-as. Um deles copia uma dessas figuras que o outro já copiou (Esse grupo desenha). Outro copia os desenhos do “Thundercats”. Nenhum está lendo, mas conversam animados sobre as figuras do livro.

4º grupo: (somente meninas) As meninas estão escutando uma ler e a corrigem quando erra a leitura. Percebe-se que escutam a história, mas olham para os lados, brincam com seus anéis, dispersam-se...

5º grupo: (somente meninos) Um menino sozinho lê o livro quieto e muito concentrado. Acaba o livro e ajudo-o a escolher outro. A hora em que a professora vê o aluno de novo na prateleira, chama-o e eu digo que fui eu quem o chamei.

6º grupo: (somente meninos) Os meninos já dizem:

- Ih , a professora pegou!

É que um menino está copiando o desenho de duas pessoas peladas. Eles riem e o menino fica pálido, morrendo de medo da minha reação.

Comento o desenho como uma coisa natural e eles me olham com ar de desconfiança. Comento sobre o livro e não dou importância as risadas. De repente o menino apaga o desenho e pega outro livro. Nenhum menino está lendo, todos copiam os desenhos.¹⁰

Nessa aula, a professora falou que os alunos deveriam fazer a leitura em grupo, cada um deveria ler um trecho, mas poderiam ler sozinhos também.

¹⁰ Trecho transcrito do Diário de Campo de uma aula de leitura ocorrida dia 17/03/98.

O que aconteceu foi que apenas três grupos realizaram a aula como a professora queria e os outros grupos continuaram a copiar gravuras e a comentar as figuras. Salientando que um aluno que leu uma obra do início ao fim e escolheu outro livro para continuar a sua leitura.

Os três grupos acima mencionados eram formados só por meninas. Repetia-se a mesma cena: cada uma lia um trecho, mas não prestavam atenção no trecho que a colega lia. Na verdade, foram esses os grupos que cumpriram o que a professora havia pedido, mas, ao mesmo tempo, elas, em sua maioria, não conseguiam concentrar-se na leitura. Uma conversa, uma brincadeira com o anel, tudo era mais interessante do que prestar atenção na leitura do livro.

Poderíamos afirmar que a maioria dos alunos não estava interessada em fazer a leitura e alguns grupos ainda permaneciam fazendo aquela leitura de imagens, das ilustrações, sem se interessar muito pelo conteúdo do livro.

No terceiro dia de visita à biblioteca (30/03/98), a professora havia explicado na classe que a partir deste dia não haveria mais "brincadeiras" dentro da biblioteca, que todos leriam e que teriam que completar uma ficha de leitura, sobre cada aula na biblioteca. Explicou que deveria ser respondido em grupos de 4 crianças, mas quem quisesse teria a liberdade de fazer sozinho.

Mesmo a professora pedindo grupos de 4 crianças, a maioria lia de 2 a 3 por livro. Alguns liam sozinhos.

Três alunos não se decidiam o que gostariam de ler. Um era muito grosso, o outro não tinha desenho. A professora então, levou para eles lerem: A festa no céu. Eles conversavam e pouco olhavam para o livro. Depois, trouxeram o livro para eu ver quem era o autor para escreverem na ficha, mas sequer tinham lido o livro ainda.

A maioria dessa vez leu os livros, mas já se preocupavam em anotar o autor e o nome do livro para colocarem na ficha.

Havia um outro dado para que a leitura tivesse sido feita pela maioria: a ficha de leitura.

Nessa ficha de leitura, o aluno deveria colocar o título do livro lido, o autor, a data em que retirou o livro e a data em que devolveu. Havia uma tabela em que o aluno deveria colocar um X na opção escolhida. Dentre essas opções, encontramos: "gostei muito de ler, gostei muito, não gostei, quero lê-lo de novo, recomendo ler". Quanto ao vocabulário, o aluno deveria optar por "fácil, razoável e difícil".

A dúvida que surgiu com essa observação foi: Como o aluno poderá adquirir o gosto pela leitura através de metodologias rígidas de leitura, como o preenchimento de uma ficha?

O que pudemos observar é que o espaço que o aluno poderia ter para colocar sua opinião, criticar certas coisas, não foi dado. O aluno deveria apenas colocar um "X". Poderiam haver trechos do livro que ele tivesse gostado e talvez quisesse ler de novo, ao mesmo tempo em que poderiam existir trechos de que ele não tivesse gostado. Ou, ainda, poderiam haver ilustrações que ele gostou e outras que não. Porque, afinal, ele precisaria escolher uma resposta só?

Qual o real objetivo dessa atividade? Despertar o gosto pela leitura ou apenas preencher um vazio de uma atividade? Promover a criatividade, a produção e a reflexão sobre o lido ou controlar a leitura dos alunos? Querendo promover o gosto pela leitura, podemos estar desenvolvendo o desgosto, pedindo as opiniões dos alunos, podemos estar apenas controlando se a leitura está sendo feita ou não. Tudo depende do objetivo que o professor teve ao propor a atividade e como a conduziu.

Se promovesse, por exemplo, uma roda da leitura em que todos emitissem suas opiniões, lessem trechos que mais gostaram, expusessem os desenhos que retiraram do livro, ... e, somente depois a ficha ser apenas utilizada para registrar o final de toda uma atividade, estaríamos num caminho muito próximo de promover o gosto pela leitura.

Porém, pretendendo apenas verificar se o aluno leu ou não, corre-se o risco de tornar cada vez mais a aula de leitura uma "chatice", como diriam os alunos, transformando um prazer numa obrigação. De acordo com Souza (1993),

As experiências negativas, longe de aproximarem o aluno do livro, acabam por distanciá-lo ainda mais. A necessidade de se formar o gosto pela leitura exige que se corrijam as falhas da instituição escolar e que se pense um projeto amadurecido e sistemático, associado ao prazer, ao jogo e à arte de modo que o aluno sinta-se sempre envolvido e motivado para a leitura. (Souza, 1993:20)

O que pudemos perceber é que durante os primeiros contatos com as obras, em que a professora não possuía uma metodologia rígida de leitura, os alunos puderam ter oportunidades mais diversificadas na área de leitura, possibilitando a eles serem leitores espontâneos, criando e inventando formas diferenciadas de contato com as obras - de acordo com os interesses dos alunos. O que propiciou que o ato de ler fosse uma experiência de prazer.

Porém, quando a professora impôs o preenchimento da ficha de leitura, o "ator" desse cenário se revestiu de outro caráter: o de cumpridor de obrigações. E dessa forma, o aluno, ao invés de procurar obras de seu interesse, procurava facilitar seu trabalho, com livros de pouco texto.

Como é o acesso dos alunos aos livros? Qual a possibilidade de escolha pelas crianças?

Em relação a entrevista número 15 (páginas 71-73, ANEXO 1), percebemos que no começo havia uma certa aversão do aluno à leitura: gostava mais ou menos de ler. Muitas coisas ele não gostava da aula de leitura e não havia nenhum livro na biblioteca que ele queria levar para casa.

O nosso objetivo não era que todos respondessem que gostavam de ler, que adoravam os livros da biblioteca, etc. mas que realmente os alunos conseguissem expressar aquilo que achavam das aulas e da leitura da literatura.

O que percebemos desse aluno é que ele realmente estava sendo sincero. Só não teve coragem de responder que não gosta de ler.

Quisemos destacar essa entrevista porque, apesar de o aluno responder as questões de forma que todos considerassem que ele não tivesse nenhum interesse pelos livros, quando questionado sobre a possibilidade de haver um livro dentro de seus interesses pessoais (o futebol), ele lembrou-se e relatou-nos uma obra do início ao fim, demonstrando, também, interesse por outros materiais pertinentes de leitura.

Perguntamos: será que esse aluno realmente não gostava de ler ou as condições de leitura o faziam afastar-se dos livros? Ele mesmo disse que preferia que fosse ele quem escolhesse os livros que gostaria de ler, pois quem escolhe é a professora.

“O sabor, o cheiro e a cor” que a coordenadora da escola se referia ao falar das bibliotecas, aquele prazer de percorrer as prateleiras, folhear livros para somente depois se escolher o que se irá ler, não é bem a realidade vivida pelas crianças da escola.

“Se ler é “um ato libertador”, a busca do livro também deverá caracterizar-se pela espontaneidade e pela alegria de fazê-lo e encaminhar-se para a exploração das potencialidades lúdicas e artísticas do homem”. (Souza, 1993 - p.20-21)

Na escola pesquisada a escolha das obras era feita dessa forma: a professora escolhia um bloco de livros e pedia para que cada grupo viesse “buscar” o seu. Se alguns alunos reclamassem dos livros que ficaram para eles, eram atendidos algumas vezes e outras não.

Então, qual a possibilidade de escolha das obras pelos alunos?

Na verdade, é reduzida, porque podem optar somente dentro daquela pré-seleção que a professora já fez.

Se por acaso um aluno não gostasse de nenhum daqueles livros que a professora selecionou, que opções ele teria? Se por um lado não era permitido aos alunos levantar de seus lugares e pedir outro livro, ou ainda, conversar com um amigo sobre outro assunto, por outro lado, não parecia

muito agradável apenas observar os que liam, bem como, olhar para aquela diversidade de obras, revistas, jornais e gibis sem poder escolher um para ler. Então, o que restava muitas vezes para esse aluno era ler qualquer uma daquelas obras em cima de sua mesa, mesmo sem vontade alguma ou procurar algo para fazer que não fosse percebido pela professora. Dentro dessa opção, muitos alunos chutavam-se uns aos outros por baixo da mesa ou brincavam com algo que possuíam em suas mãos (os anéis, por exemplo).

Durante a entrevista com os alunos, a maioria respondeu que realmente é a professora quem escolhe os livros a serem lidos e prefeririam que fossem eles quem escolhessem. Eles não tem acesso aos livros que mais gostariam de ter. Percebe-se que dificilmente alguém respondeu “tanto faz” na opção da obra ser escolhido pelo aluno ou pela professora. Todos gostariam de poder ter liberdade de escolha. E isto significa que lá existem sim obras que eles gostariam de ler. Não existe um descaso com as obras, mas um desejo de poder conhecê-las “pelas próprias mãos”.

A impossibilidade de “pegar” os livros e “explorar” as prateleiras da biblioteca não é a única restrição a que os alunos estão sujeitos. Além de receberem um bloco de livros pré-selecionados pela professora, ela sempre escolhe os livros da prateleira das 3ª e 4ª séries.

Conforme entrevista com a coordenadora, no ano passado ela e as estagiárias fizeram uma arrumação na biblioteca, dividindo os livros de acordo com os gêneros a que se referem: livros didáticos, português, matemática, ciências e a parte de literatura infantil. Dentro da literatura infantil, elas subdividiram: livros para o Ciclo Básico e os livros para as 3ª e 4ª séries, embora ela mesma admitisse que isso não é importante, pois tem quarenta anos e adora os livros do Ciclo Básico.

Todavia, por existir essa divisão, essa professora segue essa organização religiosamente. Livros para os seus alunos lerem só os recomendados para a séries correspondentes.

Mas qual o critério da divisão dos livros?

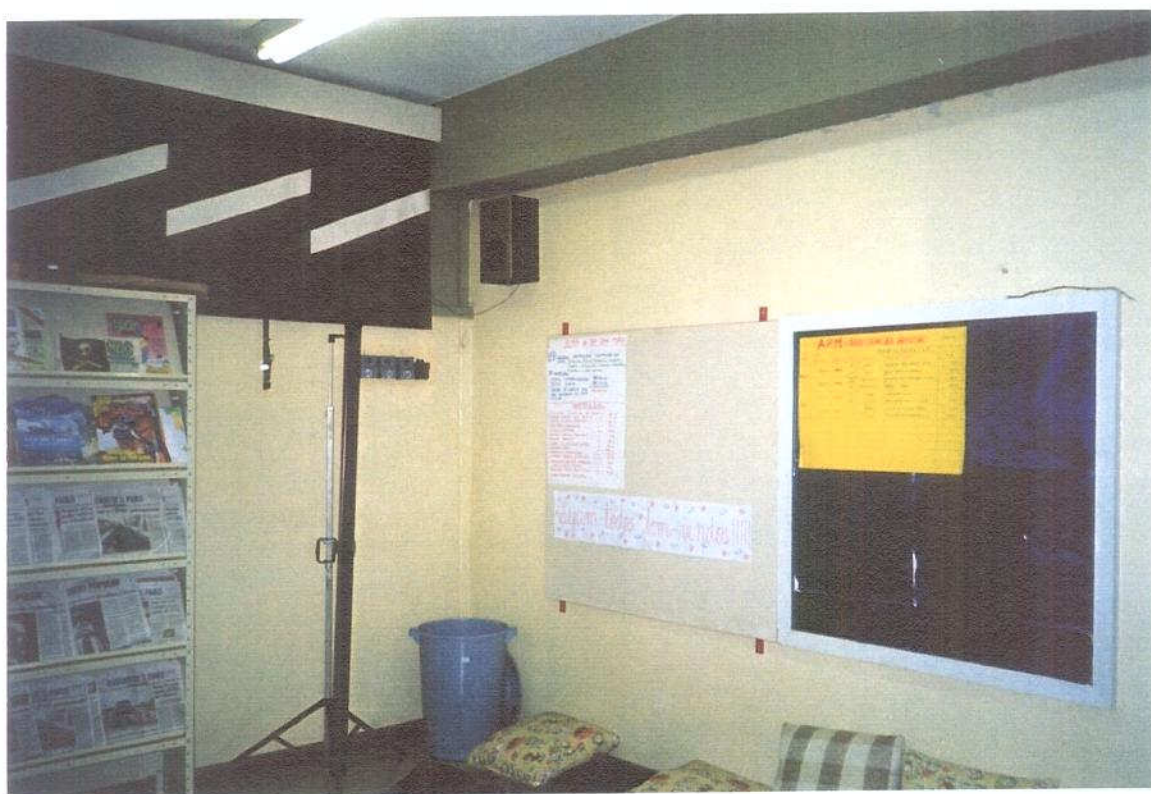
Para tentar responder a essa questão fomos conhecer a biblioteca.

A biblioteca tem realmente uma metragem bastante ampla; por isso, eles aproveitaram para fazer a videoteca nesse mesmo espaço.

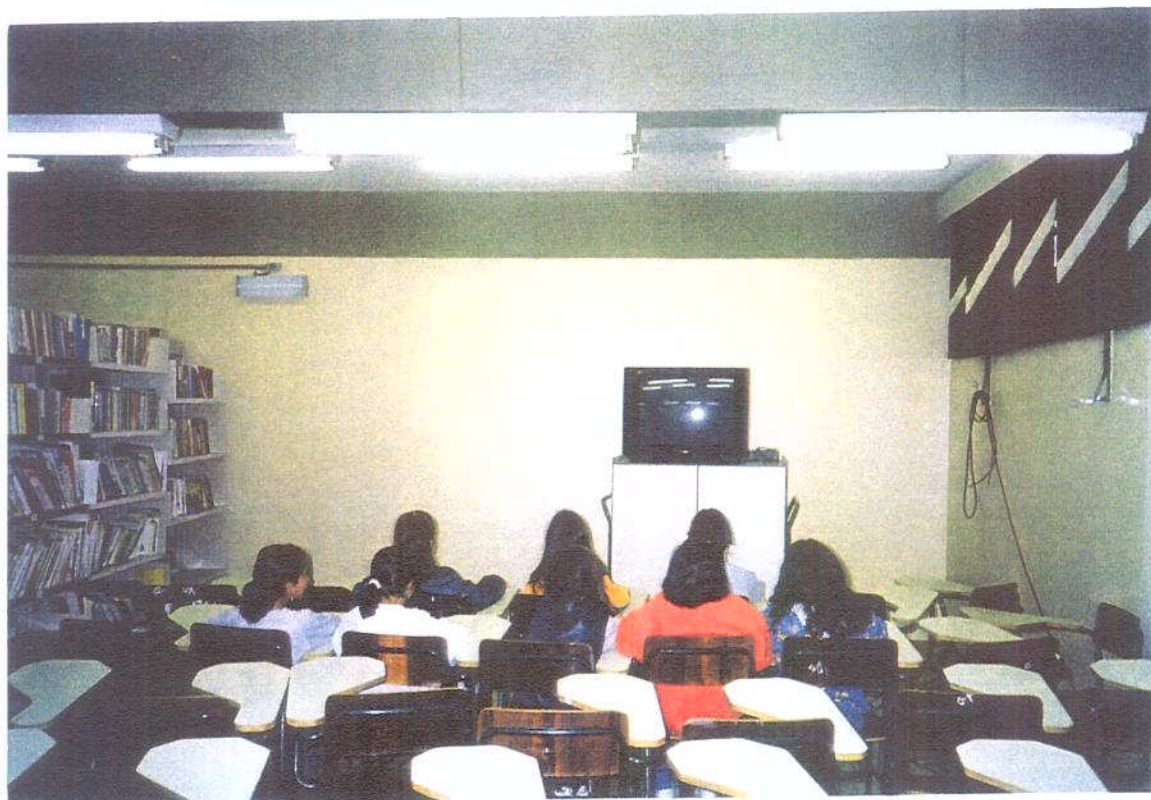
Possui uma ótima iluminação e é bastante arejada (com muitas janelas). Além disso, possui três ventiladores de teto que funcionam normalmente.

Para ficar mais clara a organização desse espaço, podemos dizer que possui quatro diferentes ambientes.

O primeiro ambiente possui um tapete e algumas almofadas que ficam bem no canto da sala, ao lado possui uma prateleira só com revistas. Esse é um lugar bastante descontraído e aconchegante, mas nunca vi ser utilizado.



O segundo é a videoteca. Possui uma televisão grande e um vídeo. As cadeiras (mais ou menos umas cinquenta), não se pode dizer que são muito confortáveis.



No terceiro ambiente existem umas seis mesas redondas com cadeiras ao redor. É o lugar onde os alunos formam os grupos, fazem suas leituras e pesquisas.



O quarto ambiente possui três prateleiras repletas de livros. Cada uma das prateleiras possui uma denominação: a primeira é "Literatura Infantil", a segunda é "Didáticos História/Geografia/Ciências" e a terceira é "Didáticos Português/Matemática e Propostas Curriculares".



A prateleira que mais nos interessa é a de Literatura Infantil, por isso relatamos o que encontramos lá.

A prateleira de Literatura Infantil tem várias subdivisões. A primeira é a chamada "Infanto-Juvenil", possui por volta de 570 obras. Selecionamos alguns livros ao acaso para que se verifique como está organizada essa seção:

- João Ternura , Aníbal M. Machado.
- Aventuras de Huck , Twain.
- O Meu Pé de Laranja Lima , José Mauro de Vasconcelos.
- O Feijão e o Sonho, Orígenes Lessa.
- A Casa da Madrinha , Lygia Bojunga Nunes.
- Meninos Sem Pátria, Luiz Puntel.
- Mentiras que Parecem Verdades , Marisa Bonazzi e Umberto Eco.

- Menino de Engenho, José Lins do Rego.
- O livro dos Porquês, Giovanni Rodari.

A segunda subdivisão é a destinada ao Ciclo Básico I e II, possui por volta de 400 obras. Algumas delas são:

- Além do Rio, Ziraldo.
- O pavão do Abre e Fecha, Ana Maria Machado.
- Os Três Porquinhos, Tony Ross.
- Violeta e Roxo, Eva Furnari.
- Alice no País da Maravilhas, Rui Castro e Laurabeatriz.
- Onde Está a Turma da Mônica, Maurício de Souza.
- Fui pro Mar Colhe Laranjas, Ricardo Azevedo.
- A Galinha, Tenê.
- Nicolau Tinha Uma Idéia, Ruth Rocha.
- O Barquinho vai, Maurício Veneza.

A terceira subdivisão é a chamada "Monteiro Lobato" que reúne cerca de 50 obras. Todas as obras são de autoria de Monteiro Lobato.

- Viagem ao Céu.
- Reinações de Narizinho.
- Serões de D. Benta.
- O Minotauro.
- O Pica-pau Amarelo.
- Memórias de Emília.
- A Chave do Tamanho.
- Caçadas de Pedrinho.
- História do Mundo para Crianças.
- O Poço do Visconde.

A quarta subdivisão é denominada "Literatura - Antigo", possui por volta de 210 obras. Notamos a presença de um livro do Monteiro Lobato nessa parte da prateleira. Eis alguns exemplares:

- O Carangueijo Bola, Maria Lúcia Amaral.
- O Pica-pau Amarelo, Monteiro Lobato.

- As Aventura do Capitão Vermelho, Érico Veríssimo.
- Os Três Irmãos, Vicente Guimarães.
- Memória de um Burro, Condessa de Segúr.
- Crianças Inglesas, Sylvia Lynd.
- Um lugar para Viver, Therezinha Casasanta.
- O Casamento da Raposa com a Galinha, Herberto Sales.
- Pedrinho e Seus Amigos, M. B. Lourenço Filho.
- O Coelhoinho Medroso, Elos Sand.

A quinta é a destinada a 3ª e 4ª séries, existem por volta de 350 obras. As obras que destacamos foram:

- Luana Adolescente Lua Crescente, Sylvia Orthof.
- Robinson Crusoe, Daniel Defoe (Trad. Monteiro Lobato).
- Mata Sete, Ciça Fittipaldi.
- Zorro, Alex Toth.
- Quando o Coração Recebe Visita, Alvaro O de Menezes.
- Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll.
- Elmer, o elefante xadrez, David McKee.
- O Velho, o Menino e o Burro & Outras Histórias Caipiras, Ruth Rocha.
- A Decisão do Campeonato, Ruth Rocha.
- Os Meninos Verdes, Cora Coralina.

A sexta subdivisão foi chamada de “Pesquisa”, possui por volta de 60 obras. Notamos que muitos livros que estão nessa parte poderiam também pertencer a “Literatura Infanto-Juvenil” e outros poderiam ser destinados ao Ciclo Básico, bem como as 3ª a 4ª séries. Eis alguns deles:

- Se Não me Falha a Memória, Paranhos de Siqueira.
- A Maturidade, Dorothy Carnegie.
- O Grande Mentecapto, Fernando Sabino.
- O Gato Sou Eu, Fernando Sabino.
- História do Brasil para Crianças, Viriato Corrêa.
- Transamazônica, Flávio A Gomes.
- Silvia Pélica na Liberdade, Alfredo Mesquita.

- Zezinho, o Dono da Porquinha Preta, Jair Vitória.
- Canções de Amor, Vinícius.
- O Espaço Geográfico, Almeida/Passini.

A sétima subdivisão é a denominada "Ciências 3ª e 4ª séries - paradidáticos", possui por volta de 200 exemplares.

Pudemos perceber que, apesar de haver uma divisão e subdivisões, o critério de seleção não ficou claro. Assim, pudemos encontrar obras de Monteiro Lobato na seção Literatura Antiga, sendo que há uma seção somente das obras desse autor. Algumas obras que estavam na parte dos livros do Ciclo Básico também apareciam na Literatura Antiga e na de 3ª e 4ª série. São obras de autores renomados como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Fernando Sabino, Monteiro Lobato, Eva Furnari, Sylvia Orthof, etc.

É interessante observar que as reclamações mais frequentes dos alunos quanto aos livros é que possuem poucas gravuras e muito texto. Na realidade, eles possuem mais ou menos 50 minutos de aula de leitura por semana (quando têm) e é natural que procurem um livro que dê para ler nesse tempo. Afinal, eles não podem levar os livros para casa e na semana seguinte pode ser que a professora não apresente os mesmos livros que os dessa aula.

O aluno, portanto, sente-se desmotivado pelo tipo de acesso que a escola instituiu e não pelas obras em si.

Será que as leituras feitas na escola tornaram-se uma experiência positiva na vida da criança, tornaram-se leituras de prazer?

Para pensarmos sobre a leitura de prazer para essas crianças, acreditamos ser importante destacar que o gibi é o material preferido para a leitura dos alunos. Essa é a leitura que nos pareceu causar prazer para essas crianças. Elas inclusive buscavam essa leitura espontaneamente.

O gibi é o material que eles mais têm acesso na escola. Lá funciona o recreio dirigido, onde o alunos não pode mais correr, nem fazer barulho. Além das inspetoras, as professoras cuidam da disciplina no intervalo. Então, os alunos apenas conversam, andam e lêem gibis. Todos os dias, uma das professoras traz uma caixa cheia de gibis para os alunos .

A adesão foi grande, pois uma dúzia de crianças fica o intervalo todo sentada lendo os gibis. Talvez esse seja um dado a mais para se entender o porquê da preferência dos alunos ser o gibi.

Os gibis não entram na sala de aula. Não há um trabalho com a leitura dos alunos, eles nem sequer podem ler em outro momento a não ser no recreio. Assim, o gibi torna-se apenas uma distração, um passatempo. E um passatempo solitário, porque não há troca de experiências.

O MEC recomenda o uso de gibis. Nos Parâmetros Curriculares¹¹ o gibi aparece como um facilitador para o ensino da leitura e da escrita porque associa imagens e textos. No gibi, as crianças conseguem deduzir o que se passa na história, sem precisar ler a parte verbal diretamente. Eles podem decifrar a história apenas observando as imagens. E isso é importante principalmente para as séries iniciais, pois as crianças terão a sensação de serem leitoras, o que é importante no processo de alfabetização.

Na Revista Nova Escola¹² do mês de abril de 1998, as histórias em quadrinhos aparecem como um material propício para as aulas de português. Nesta reportagem, afirma-se que, na verdade, os gibis têm a particularidade de unir duas riquíssimas formas de expressão cultural: a literatura e as artes plásticas. O que torna-se uma fonte de inspiração para iniciativas didáticas.

Existem histórias em quadrinhos que são excelentes, levando-se em conta o enredo, a linguagem e as ilustrações, oferecendo, portanto, contribuições valiosas para as aulas. Basta selecionar algumas histórias e

¹¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram criados pelo MEC em 1997 para servir de apoio aos professores. Nele, propõe-se orientações gerais sobre o básico a ser ensinado em cada etapa, com orientações e sugestões para uma mudança das práticas em sala de aula no ensino fundamental.

¹² Revista Nova, ano XIII- No. 111, abril de 1998, p. 10-19.

dar asas à imaginação e criatividade de cada professor. Além disso, com a introdução dos gibis as aulas podem tornar-se ainda mais atraentes para os alunos.

Apesar que os livros literários não aparecem como a leitura preferida das crianças, será que a mediação do professor tem propiciado aos alunos uma experiência positiva com a literatura infantil?

O prazer, como já afirmamos, é algo muito particular. Uma leitura pode ser prazerosa para um e não ser para outro. Um dos alunos entrevistados¹³ relatou-nos que adora ler material a respeito de futebol, outra aluna afirmou que o que mais gosta de ler é o livro Alice no País das Maravilhas, outra diz adorar poesias; então, os gostos dos alunos são muito diferentes.

A escola instituiu como acesso aos alunos apenas a prateleira de livros destinados a sua série e, além disso, esses livros são pré-selecionados pela professora. Os alunos estão, portanto, impossibilitados de escolherem as obras preferidas, têm que olhar para a seleção da professora e encontrar algum que considere menos “chato”.

Enquanto a professora deixava os alunos livres em suas leituras, ou seja, permitia que os alunos somente folheassem as páginas do livro, copiassem os desenhos, conversassem sobre as figuras, a leitura não ocorreu de forma integral (os alunos não liam a obra do início ao fim). Segundo a fala da professora, essas aulas eram apenas “brincadeira”. Quando resolveu “acabar com a brincadeira”, ela trouxe fichas de leitura para os alunos responderem.

A partir daí, percebemos que a aula de leitura tornou-se uma obrigação. Notamos que nessa aula os alunos procuravam livros com pouco texto e procuravam anotar o título do livro e o autor.

Assim, pudemos notar que a escola não tem contribuído para uma relação prazerosa entre o livro literário e a criança. O contato das crianças com os gibis, nos intervalos escolares, tem permitido a elas uma relação prazerosa com a **leitura**, mas não com o **livro literário**. Ele fica reservado

¹³ O texto completo da entrevista encontra-se no Anexo I.

somente ao ambiente da biblioteca, com a cobrança da professora no preenchimento da ficha de leitura.

Qual a concepção de leitura que possuem os alunos dessa escola?

A respeito da concepção de leitura, todos os alunos consideraram importante que as pessoas leiam e quando questionados sobre o porquê de ser importante, notamos que as respostas se repetiram:

S1: *"- Porque assim aprende mais".*

S2: *"- Porque as pessoas aprendem a falar, fica um pouco mais livre, assim é melhor."*

S3: *"- Sim, para poder ler melhor, para falar melhor."*

S4: *"- Porque aí a pessoa lendo já vai estar escrevendo mais certo."*

S5: *"- Ah, porque melhora o desenvolvimento da leitura e para quando você for falar você fala mais certo."*

S10: *"- Eu acho importante ler para melhorar o português, tem gente que lê mal e fica testando a leitura e lê bem."*

O conceito de leitura veiculado por esses enunciados é a de que a leitura é simplesmente a decodificação de signos, uma reprodução mecânica, onde aprender a ler está vinculado ao aprimoramento da leitura, da escrita e da oralidade.

É importante que se

(,,,) *"amadureça para um conceito de leitura como um instrumento de reflexão, experiência geradora de transformações, recriação de significados e conciliação entre ela, o lazer (nós diríamos o prazer) e as outras artes".*
(Souza, 1993:109)

Souza (1993) entende que, sendo a escola um organismo dependente, ela reflete "ideologias aceitas pela sociedade". E o conceito de leitura vinculado a decodificação de signos reflete os valores de uma determinada camada da sociedade que quer permanecer no poder.

Um dos alunos respondeu de forma bastante particular:

S20: “- Quando ela (as pessoas, em geral) precisar arranjar um trabalho e precisar ler para escrever o nome ela vai saber, acho importante.”

Além de demonstrar que o conceito de leitura também está relacionado com a decodificação de signos, ela reflete o valor que a leitura possui na sociedade.

Acreditando que a leitura é uma possibilidade de ascensão social, pode-se estar a serviço de forças políticas determinadas, que veiculam a idéia de que a pobreza, a fome e o desemprego é reflexo de um insucesso pessoal e não de uma administração pública que coloca interesses particulares em primeiro plano e ignora as condições em que vivem a maioria da população.

É certo que ser alfabetizado num país que possui alto índice de analfabetismo é um privilégio, principalmente porque saber ler torna o indivíduo menos suscetível a enganações. Porém, se pensarmos que são bem poucos os capazes de interpretar um texto, relacioná-lo com a realidade, numa leitura crítica da palavra, podemos crer que é necessário uma mudança na concepção de leitura, procurando vê-la não como uma possibilidade de ascensão, mas como possibilidade de libertação da opressão a que estão sujeitos todos nós.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No diálogo com os alunos dessa escola pública de Campinas, verificamos que eles gostam de ler, gostariam de poder escolher o que ler, gostariam de levar material de leitura para casa e preferem fazer suas leituras na biblioteca por ser um local silencioso. Quanto ao material de leitura preferido, a história em quadrinhos é o destaque.

Mas e o livro literário?

A leitura do livro literário é visto na escola como uma obrigação, um cumprimento de tarefa: ler para preencher a ficha de leitura, enquanto o gibi se lê no intervalo, como uma opção. E enquanto opção, é o aluno quem escolhe o momento para se ler (o seu momento) e, também, o que se irá ler (qual o gibi se está com vontade de ler no seu momento). Além disso, a leitura é feita mais despretensiosamente, talvez com o único propósito de se divertir, de passar o tempo.

Este estudo de caso evidencia um fenômeno presente na relação literatura-criança-escola: a presença da leitura enquanto **uma obrigação escolar**. Primeiramente, vamos discutir um pouco mais sobre a importância da literatura na formação da criança. Quanto a esse aspecto, Magnani (1989) retoma as reflexões de Antonio Candido: a literatura tem uma “função humanizadora”, que confirma a capacidade de humanização do homem. Assim, ao livro literário cabe satisfazer a necessidade de fantasia, contribuindo na formação da personalidade do indivíduo. Constitui-se uma das maneiras de se conhecer o mundo e o ser.

Segundo esse ponto de vista, as obras falam sobre o homem e, ao mesmo tempo, constituem importante material para a formação do homem. A autora acrescenta ainda as funções de “educação do gosto e de identificação”, ao qual fica explícita a idéia de contribuição para o amadurecimento da criança.

Silva (1995) afirma que a literatura é

(...) “capaz de criar tensões em nós mesmos e suscitar intuições acerca da vida humana. De repente, somos como que fígados pelo texto e empaticamente acompanhamos as personagens no miolo da trama,

enfrentando conflitos e superando obstáculo. No prazer gerado pela complexidade e oscilação dos significados - decorrência natural de nossa consciência no adentramento do texto literário - vamos conhecendo e compreendendo melhor o mundo e a nós mesmos" .(p. 21)

Pensando dessa forma, fica evidente que dentro de uma proposta de ensino, a escola deva propiciar ao aluno um acesso aos livros de forma não autoritária, permitindo-lhes escolherem aqueles livros com os quais mais se identificam.

Na relação da criança com a literatura, a escola, sintetizada na figura do professor, especificamente o de língua portuguesa, participa ativamente desse processo. Devendo, portanto, ser "alguém que estuda, lê e expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que espera de seus alunos" . (Magnani, 1989, p. 94) Em sua prática em sala de aula (seleção de textos, encaminhamento da leitura dos alunos, etc.) o próprio conhecimento do professor a respeito da literatura infantil direciona a sua conduta, ou seja, as suas oportunidades de contato com a literatura, bem como a sua concepção de leitura, irão influenciar na formação de novos leitores.

Percebemos, com essa pesquisa, que as condições de leitura as quais esses alunos estão imersos dificultam o seu contato com a literatura. Notamos que o espaço para a literatura na escola é reduzido, limitando-se às aulas na biblioteca, quando a professora não considera que a classe esteja atrasada no conteúdo de português. Utilizando-se como metodologia de leitura uma ficha para preencher, a professora não abre espaço para a troca de experiências e leituras dentro da escola. Não há vinculação entre o que a criança leu o que ela vive.

Essas informações apontaram um outro dado : pareceu-nos que o **único saber que importa é aquele já sistematizado e preparado pelo professor**. O saber que poderia advir do diálogo entre o leitor e o livro é desprezado, enquanto que a relevância maior é dada ao conhecimento já sistematizado e preparado pelo professor, como por exemplo, o conhecimento das regras gramaticais. O livro literário permite ao aluno

expandir as dimensões do que lhe é conhecido, absorvendo novas informações por meio do imaginário. Dessa forma, o professor impede que o aluno tome parte no processo de construção do saber adquirido na leitura, atividade dificilmente substituível por outra.

Como um fenômeno já apontado por Silva, (1995) verificamos que nessas condições o livro, muitas vezes, passou a agir como um substituto do professor: a professora simplesmente pede que o aluno faça sua leitura e preencha a ficha. O texto torna-se um "fim em si mesmo", não há a interlocução do texto com a realidade do aluno, ou com um conteúdo a ser ensinado. A atividade inicia-se na leitura e finaliza-se na ficha. O aluno fica solitário em sua leitura.

Silva (1986) afirma que, muitas vezes, o professor está imerso num processo de "opressão" e "alienação", do qual dificilmente se apercebe. Essa situação se confirma pela própria sujeição do professor de escola pública, às determinações de um Estado comprometido com a permanência de um modelo capitalista.

Neste sentido, a política educacional, segundo a autora, colaborou no processo de alienação do professor, tirando-lhe o domínio sobre o que ensinar e o porquê ensinar. Os esquemas políticos das determinações educacionais vieram sempre de "cima para baixo". Apesar disso, acreditamos que o professor ainda tenha uma **autonomia relativa** em relação ao seu trabalho. Pode-se seguir os mesmos parâmetros educacionais e utilizar uma metodologia adequada à sua realidade. E é disso que o professor deve se conscientizar.

Sendo a escola, por vezes, o único elo entre o leitor e o livro literário e dada a importância deste para a formação do indivíduo, acreditamos que o caminho mais provável de se promover o prazer pelas obras literárias é "dar testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura". (Silva, 1995:109)

Isso só será possível quando o professor entender que tem autonomia nos encaminhamentos em sala de aula, mesmo que relativa,

além de realmente acreditar na importância da literatura no desenvolvimento da criança.

ANEXOS

ANEXO I :

As Entrevistas com os alunos

Entrevista 1

Questão: Como é seu nome? (Sujeito 1)

Resposta: B.

Q. Onde você mora?

R. Na rua perto da Avenida.

Q. É perto da escola?

R. É, pertinho.

Q. Com quem você gosta de brincar aqui na escola, no recreio?

R. O Murilo, o Mauro, o Luís, quem mais ..., e algumas meninas também.

Q. E o que você mais gosta de fazer no recreio?

R. Eu gosto de ler um gibi, correr um pouco...

Q. Você gosta de ler gibis, qual deles você mais gosta?

R. Tem do Pica-Pau, tem do Pato Donalds, do Mickey, do Cebolinha.

Q. E qual deles é mais legal?

R. É o do Pica-pau.

Q. E na sua casa o que você mais gosta de fazer quando acaba a lição e já pode brincar?

R. Assistir vídeo e ir no computador.

Q. Qual jogo de computador você gosta mais?

R. Um de luta.

Q. E você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. E o que você lembra que já leu?

R. É um texto do computador.

Q. E falava do quê?

R. Falava sobre ele e algumas histórias também.

Q. E o que mais você gosta de ler, gibis, livros...

R. Livros que de vez em quando eu pego.

Q. Mas se você tivesse que escolher entre o livro, o gibi, uma revista, um jornal, os textos do computador, qual você escolheria?

R. O livro.

Q. E tem algum livro que você gostaria de ter lido e não pôde na escola?

R. Tem.

Q. E qual é?

R. Aquele do Thundergats.

Q. O que você gosta na aula de leitura?

R. Copiar desenhos.

Q. É você ou a professora quem escolhe os livros que irá ler?

R. É a professora.
Q. Você prefere a aula de leitura na classe ou na biblioteca?
R. Na biblioteca.
Q. E por quê?
R. Porque aqui não pode fazer barulho e lá a gente vai ler e fica conversando.
Q. E você pode levar livros da escola para ler em casa?
R. Ah, não sei antes podia.
Q. E hoje não pode mais?
R. Não sei.
Q. A professora já falou alguma coisa sobre isso.
R. (Faz não com a cabeça).
Q. Se você pudesse levar levaria sempre livro para casa?
R. Sim.
Q. Qual você escolheria?
R. Os mais legais.
Q. E qual você acha mais legal?
R. O do Thundergats e tem mais um que é quase um gibi também que é do Pato Donalds.
Q. Se você pudesse levar aonde você o leria na sua casa?
R. No quarto.
Q. Depois de você ler a professora dá alguma atividade sobre o que você leu?
R. Não, por enquanto ainda não.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Sim.
Q. Por quê?
R. Porque assim aprende mais.
Q. E revista, jornal você gosta de ler?
R. Não.
Q. E na sua casa tem alguém que goste de ler regularmente?
R. O meu pai lê jornal, minha mãe lê revista, meu irmão também gosta de ler revistas.
Q. Que revista ele gosta de ler?
R. Ele gosta daquelas com desenho.

Entrevista 2

Questão: Como é seu nome? (S2)

Resposta: T.

Q. T, onde você mora?

R. No bairro do Jardim Amazonas.

Q. Como você faz para vir para cá?

R. Ah, eu venho de carro.

Q. E quem que te traz até aqui?

R. Minha mãe ou meu pai.

Q. Quem você gosta mais de conversar e brincar na escola?

R. A Monique e a Tais.

Q. E você senta perto delas?

R. Sento perto da Monique.

Q. O que você gosta de fazer no recreio, além de comer, é claro?

R. Eu gosto de ficar conversando, de ler uns gibis, de pular amarelinha.

Q. Qual gibi você lê?

R. Eu leio bastante da Mônica.

Q. Qual sua brincadeira predileta aqui na escola?

R. Amarelinha.

Q. E na sua casa?

R. Bambolê.

Q. E você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. E o que você lembra de leitura que você já fez.

R. Eu lembro que eu li uma notícia no jornal. Não, não, a última coisa que eu li foi uma entrevista que eu li sábado agora com Beto Carreiro no Estadinho.

Q. E qual sua leitura preferida?

R. (Ela fica em silêncio).

Q. Se você tivesse que escolher entre o livro, o gibi, a revista e o jornal qual você escolheria?

R. O gibi.

Q. O que você gostaria de ter lido na escola e não pôde?

R. (Fica em silêncio).

Q. Ou melhor existe alguma coisa que você gostaria de ter lido e não pôde?

R. Não.

Q. E o que você mais gosta da aula de leitura?

R. Eu gosto de ficar sentada em grupo e nós lemos um livro só, cada uma lê um parágrafo.

Q. Tem alguma coisa na sua aula de leitura que você queria mudar?

R. Não.

Q. É você ou a professora quem escolhe o livro na biblioteca?

R. A professora.

Q. Você prefere a aula de leitura na classe ou na biblioteca?

R. Na biblioteca.

Q. Você pode levar livros da biblioteca para ler em casa?

R. Esse ano não, mas ano passado podia.

Q. E você gostaria de levar livros para ler em casa?

R. Eu gostaria.

Q. Se você pudesse qual você levaria para casa?

R. (Depois de algum tempo em silêncio) Eu não lembro.

Q. Depois de ler a professora dá alguma atividade sobre aquilo que você leu?

R. Não.

Q. Você acha importante que as pessoas leiam?

R. Eu acho.

Q. Por quê?

R. Porque as pessoas aprendem a falar, fica um pouco mais livre, assim é melhor.

Q. Você gosta de ler revistas?

R. Às vezes.

Q. Que revista você já leu?
R. Eu gosto da Contigo e da Veja.
Q. Na sua casa alguém lê?
R. Lê. Minha mãe lê revista bastante, lê jornal; meu pai lê jornal de sábado e domingo e todo sábado meu avô compra o Estadinho e eu leio Estadinho.

Entrevista 3

Questão: Seu nome? (S3)

Resposta: T.

Q. Onde você mora?

R. Vila Marieta.

Q. Como você vem à escola?

R. Eu venho à pé.

Q. É pertinho da escola?

R. Para mim é.

Q. Quem você gosta de brincar e conversar aqui na escola?

R. É a Gabrielle.

Q. E você senta perto dela?

R. Sento.

Q. E na sua casa você tem amigos?

R. Tem.

Q. Bastante?

R. Tenho, tenho, tenho.

Q. E o que você gosta de brincar com eles?

R. Às vezes a gente anda de patins, de bicicleta, pula amarelinha.

Q. E aqui, o que você gosta de brincar?

R. De conversar.

Q. Mesmo no intervalo não tem alguma coisa que você goste de brincar?

R. Não.

Q. E você gosta de ler?

R. Mais ou menos.

Q. Você se lembra da última coisa que você leu?

R. Na segunda ou na terceira série eu li o livro O tatu e não sei o que.

Q. E você lembra se na época você gostou de ler esse livro?

R. Ah, eu gostei de ler, ele fala do tatu, eu gostei de ler.

Q. Se você pudesse escolher entre ler um livro, uma revista, um gibi e um jornal qual deles você escolheria?

R. O gibi.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ter lido na escola e você não leu ainda?

R. Não, eu li quase tudo já.

Q. E o que você mais gosta na aula de leitura?

R. Ah, eu gosto porque a professora lê pra gente e aí a gente faz a redação que ela passar.

Q. Tem alguma coisa que você não goste da aula de leitura?

R. Não.

Q. Quem escolhe o livro na biblioteca?
 R. Às vezes a gente, às vezes a professora.
 Q. E você prefere ler um livro lá na classe ou na biblioteca?
 R. Na biblioteca.
 Q. Por quê?
 R. Porque na biblioteca é mais gostoso de ficar, não na sala porque na sala tem muito barulho, mas aqui já é quietinho já.
 Q. E você pode levar livros para ler em casa?
 R. Por enquanto, não.
 Q. E você gostaria de levá-los para casa?
 R. Eu gostaria.
 Q. E você já tem algum que você gostaria de levar, aquele que você olha e pensa que aquele ali você gostaria de levar?
 R. Tem.
 Q. Você lembra do nome?
 R. Não.
 Q. Depois de ler a professora dá alguma atividade sobre o livro?
 R. Não.
 Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
 R. Sim, para poder ler melhor, para falar melhor.
 Q. Você gosta de ler revista, jornal, essas coisas?
 R. Jornal eu não gosto muito não, mas revista eu gosto.
 Q. Qual revista?
 R. Da Contigo, Veja.
 Q. E quem que lê na sua casa? Tem alguém que goste de ler?
 R. Só de vez em quando, assim quando minha prima vem, ela e o marido dela.

Entrevista 4

Questão: Como é o seu nome? (S4)

Resposta: A.

Q. Onde você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. Quem são seus amigos da escola?

R. A maioria são todos, mas os que eu gosto mais são a Larissa, da Karina e da Janaína.

Q. E na sua casa você tem amigos?

R. Eu não tenho ninguém lá em casa.

Q. Lá você não pode sair para brincar na rua?

R. É porque tem um bar na frente de casa e eu não posso sair.

Q. E na escola o que você gosta de fazer?

R. Brincar de amarelinha, tem um monte de coisas que eu gosto de fazer, ler gibis.

Q. Que gibi você lê?

R. Eu gosto mais da Margarida.

Q. Você gosta de ler?

R. Sim.

Q. Você se lembra de alguma coisa que você leu?

R. Eram dois homens que viviam em outro mundo.
Q. Você leu lá na classe?
R. Não eu li na biblioteca.
Q. Se você pudesse escolher entre o gibi, a revista, o jornal, qual você escolheria?
R. Livro.
Q. Tem alguma coisa que você gosta da aula de leitura?
R. Aquilo que a gente lê para casa.
Q. Tem alguma coisa que você não gosta?
R. Não.
Q. Na biblioteca é a professora quem escolhe o que você irá ler?
R. É.
Q. Você prefere a aula de leitura dentro da classe ou na biblioteca?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Porque na biblioteca é silencioso, a gente fica em grupo, lá na classe tem um monte de classe do lado, então é um barulhão.
Q. Você pode levar livros para casa?
R. Não.
Q. Se você pudesse tem algum que você lembra que gostaria de levar?
R. Não.
Q. Depois que você lê a professora dá alguma atividade?
R. Não.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Eu acho.
Q. Por quê?
R. Por que aí a pessoa lendo já vai estar escrevendo mais certo.
Q. Você já pegou uma revista e um jornal para ler?
R. Já.
Q. E você gosta de ler os dois?
R. Gosto mais de revista.
Q. Tem alguém na sua casa que você vê que goste de ler?
R. Não.

Entrevista 5

Questão: Como é seu nome? (S5)

Resposta: N.

Q. Onde você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. Quem são seus amigos na escola?

R. É, assim, todos.

Q. E na sua casa você tem amigos?

R. Tenho, bastante.

Q. E na sua casa o que você gosta de brincar?

R. Eu gosto de brincar assim de pega-pega.

Q. E aqui no recreio?

R. No recreio eu gosto mais de ficar conversando, lendo gibi.

Q. E qual gibi você gosta de ler?
R. Eu gosto da Turma da Mônica.
Q. E você gosta de ler?
R. Gosto.
Q. E o que você já leu?
R. "O encontro na meia-noite"
Q. Foi aqui na biblioteca que você leu?
R. Não, foi na biblioteca lá da minha rua.
Q. E tem biblioteca lá perto?
R. Tem, é Romila Maria.
Q. E pode ir sempre lá?
R. Pode, só tem que ter a ficha (responde uma outra aluna que está ao lado dela).
Q. E lá pode levar livro para casa?
R. Lá pode.
Q. E você vai lá sempre ou só de vez em quando?
R. Eu vou de vez em quando lá.
Q. Qual sua leitura preferida?
R. O livro.
Q. Por quê?
R. Porque o gibi é mais para gravuras, desenhos e o livro é mais para o texto, é bem melhor para ler.
Q. Você prefere?
R. É eu prefiro o livro.
Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler na escola e não pôde ler?
R. Não.
Q. Tem alguma coisa que você mais goste da aula de leitura?
R. É quando a professora lê pra gente e ela explica o texto.
Q. E tem alguma coisa que você não goste?
R. Não.
Q. Quem escolhe os livros na biblioteca?
R. A professora.
Q. Onde você prefere ler na biblioteca ou na classe?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Ah, sei lá, porque é mais silencioso, não aquele barulho, é melhor para ler.
Q. E você pode levar livros da escola para casa?
R. Não, por enquanto não.
Q. E você gostaria de levar?
R. Eu gostaria.
Q. Tem algum que você lembre?
R. Não.
Q. Depois da leitura a professora dá alguma atividade?
R. Não.
Q. Você acha importante que todo mundo leia?
R. Acho.
Q. Por quê?

R. Ah, porque melhora o desenvolvimento da leitura e para quando você for falar você fala mais certo.

Q. E você tem contato com revistas, com jornal?

R. Tenho.

Q. E você se lembra de algum?

R. Eu tenho a Coleção da Trivida, eu sempre vou buscar na banca.

Q. E jornal você se lembra de algum?

R. Não.

Q. Tem alguém na sua casa que você vê lendo?

R. Quando eu morava com a minha avó, minha avó e meu avô liam e agora que eu me mudei com meu pai, minha mãe lê em casa. Todo mundo lê em casa.

Q. E o que eles lêem?

R. O meu pai gosta de ler jornal, minha mãe gosta de ler revista e livros.

Entrevista 6

Questão: Qual seu nome? (S6)

Resposta: P.

Q. Onde mora?

R. Jardim dos Oliveiras.

Q. É aqui perto?

R. Depois da Avenida.

Q. Como vem para escola?

R. À pé.

Q. Seus amigos na escola?

R. Principalmente a Monique, ela fica do meu lado, no meu grupo.

Q. E na sua casa você tem amigos?

R. Só a minha irmã.

Q. Você não brinca na rua?

R. Na rua, tem vezes com o amigo da minha irmã, porque ele não gosta muito de brincar dessas coisas, então a gente anda de patins.

Q. E o que você mais gosta de fazer no recreio, além de comer?

R. Eu gosto de ler gibi.

Q. Qual gibi?

R. Da Mônica.

Q. Quais são sua brincadeiras prediletas?

R. É uma da Chiquititas e eu sempre brinco com elas.

Q. E na sua casa o que mais você gosta de brincar?

R. Stop no caderno.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. O que você já leu que você lembra?

R. Um dia, na terceira série eu li um do arco-íris, mas não acabei de ler porque já estava na hora de subir para a classe e só podia ler na biblioteca.

Q. O que você escolheria se pudesse escolher entre gibi, revista, jornal e livro?

R. Se eu tivesse em casa assim eu preferia uma revista porque tem coisas legais, coloridas.

Q. E na escola?
 R. Na escola eu preferia um gibi.
 Q. Você prefere aula de leitura na classe ou na biblioteca?
 R. Na biblioteca, porque é mais silencioso, é mais legal.
 Q. Tem alguma coisa na aula de leitura que você não goste?
 R. Não tem.
 Q. É você ou a professora quem escolhe o livro para ler na biblioteca?
 R. Não é ela quem escolhe exatamente, ela coloca vários na mesa e a gente escolhe, né?
 Q. E você pode levá-los para casa?
 R. Não, por enquanto não.
 Q. Se pudesse você já tem algum que você está de olho e gostaria de levar?
 R. Não, ainda não.
 Q. Depois de ler a professora dá alguma atividade?
 R. Não.
 Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
 R. Acho.
 Q. Por quê?
 R. Acho que desenvolve mais tanto na cabeça quanto na fala, no escrito.
 Q. Você já pôde pegar uma revista e um jornal em suas mãos?
 R. Já.
 Q. Tem algum nome de revista ou de jornal que você se lembre?
 R. Veja, Contigo, tem várias.
 Q. E jornal?
 R. A gente assina Correio Popular, todo dia tem Veja e Correio Popular.
 Q. E na sua casa tem alguém que leia?
 R. Todo dia meu pai, ele toma café e lê. Ele lê o jornal inteirinho.
 Q. E sua mãe?
 R. Gosta de ler revistas.

Entrevista 7

Questão: Seu nome? (S7)

Resposta: M.

Q. Que bairro você mora?

R. Jardim dos Oliveiras.

Q. Você tem amigos aqui na escola?

R. A Paula, a Taís, a Janiele, a Patrícia, quase todos.

Q. E na sua casa?

R. Na minha casa tem a Paula, os dois primos dela e a Graziela.

Q. E o que você gosta de brincar com eles?

R. Pega-pegas, Barbie, bambolê, andar de bicicleta, andar de patins.

Q. E aqui no recreio, o que você gosta de brincar?

R. De amarelinha.

Q. E você gosta de ler?

R. Mais ou menos.

Q. Tem alguma coisa que você lembre que você leu?

R. A revistinha da Minie que eu li no dia do aniversário de minha mãe, no dia 17.

Q. Se você pudesse escolher entre livro, revista, jornal e gibi, qual você escolheria?

R. O gibi, várias vezes eu li é legal.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ter lido na escola e não pôde?

R. Alice no País da Maravilhas.

Q. Tem alguma coisa que você mais goste na aula de leitura?

R. Não.

Q. Tem alguma coisa que você não goste?

R. Não.

Q. É a professora ou você quem escolhe o que irá ler?

R. Somos nós duas, a professora põe os livros na mesa e a gente escolhe.

Q. Onde você prefere a aula de leitura, na classe ou na biblioteca?

R. Na biblioteca porque é mais silencioso.

S. E você pode levar livros para ler em casa?

R. Não.

Q. Se você pudesse ter algum que você gostaria de levar?

R. Alice no País das Maravilhas.

Q. A professora dá alguma atividade depois da leitura?

R. Não.

Q. Você acha importante que as pessoas leiam?

R. Acho que faz bem porque a gente aprende muitas coisas.

Q. Você já pegou em suas mãos revistas, jornais?

R. Revistas e jornais também.

Q. Você lembra do nome de alguma revista?

R. Veja, Contigo.

Q. E jornal?

R. Aquele de novelas.

Q. Na sua casa tem gente que lê?

R. Minha mãe e meu pai.

Q. O que eles lêem?

R. A minha mãe lê revista e o meu pai jornal.

Entrevista 8

Questão: Seu nome? (S8)

Resposta: J.

Q. Que bairro você mora?

R. Na Vila Georgina.

Q. Como que você faz para vir para cá?

R. Eu venho de perua.

Q. Quem são seus amigos aqui na escola?

R. É mais a Karina e a Larissa, e a Patrícia vai.

Q. E na sua casa?

R. Eu não tenho muitos amigos não, não saio de casa.

Q. E o que você gosta de fazer lá na sua casa ?

R. Ah, fico assistindo televisão.

Q. E no recreio?

R. Às vezes eu leio gibi, às vezes eu fico andando pelo pátio, conversando.
Q. Você gosta de ler?
R. Gosto.
Q. O que você já leu que você lembra?
R. Eu já li uma revista, livro de jacaré, um livro da biblioteca.
Q. Se você pudesse escolher entre aquelas leitura todas qual escolheria?
R. Não sei.
Q. Entre a revista, o gibi, o jornal, o livro, qual escolheria?
R. A revista.
Q. Porque a revista?
R. Ah, porque eu gosto de ler a revista, tem coisas interessantes.
Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler na escola e não pôde ler?
R. Não.
Q. Tem alguma coisa que mais você goste na aula de leitura?
R. De ler.
Q. E o que você não goste nas aulas de leitura?
R. Nada.
Q. É você ou a professora quem escolhe os livros?
R. A professora.
Q. Você prefere a aula de leitura dentro da classe ou na biblioteca?
R. Na biblioteca, porque é mais silencioso, tem menos barulho.
Q. Você pode levar os livros para casa?
R. Não.
Q. Se pudesse tem algum em especial que gostaria de levar?
R. Tem.
Q. Depois que você lê a professora dá alguma atividade?
R. Não.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Para melhorar a leitura.

Entrevista 9

Questão: Seu nome? (S9)

Resposta: K.

Q. Onde você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. É pertinho?

R. É.

Q. Como você vem à escola?

R. Às vezes de carro e às vezes de a pé.

Q. Quem são seus amigos aqui na escola?

R. Tem bastante.

Q. E na sua casa?

R. Também.

Q. O que você gosta de brincar com eles?

R. De escolinha, de tudo.

Q. E aqui na escola o que você gosta de fazer no recreio?

R. A gente fica conversando, lê gibis.
 Q. Você lembra um nome de algum gibi que você leu?
 R. Não.
 Q. Você gosta de ler?
 R. Mais ou menos.
 Q. O que você já leu que você lembra?
 R. Revista, jornal, gibi, bastante coisa.
 Q. Se você tivesse que escolher entre ele qual escolheria?
 R. Todos.
 Q. Mas se a professora colocasse um livro, um gibi, uma revista e um jornal na sua frente e pedisse que você lesse um deles, qual você leria primeiro?
 R. A revista.
 Q. Por quê?
 R. Porque tem mais coisas, é mais interessante.
 Q. Tem alguma coisa que você queria ler na escola e não pôde?
 R. Não.
 Q. Tem alguma coisa que você mais goste na aula de leitura?
 R. Não.
 Q. Tem alguma coisa que você não goste ?
 R. Não.
 Q. Quem escolhe o que você irá ler?
 R. Às vezes a professora, às vezes eu.
 Q. E o que você prefere que seja você quem escolha, a professora, ou tanto faz?
 R. Ah, tanto faz, mas eu prefiro eu.
 Q. Você prefere a leitura na classe ou na biblioteca?
 R. Na biblioteca.
 Q. Por quê?
 R. Porque na classe é muito barulho.
 Q. Você pode levar livros para ler em casa?
 R. Não.
 Q. Se você pudesse você gostaria de levar?
 R. Gostaria.
 Q. Tem alguma preferência?
 R. Tem um que eu gostaria de levar mas não me lembro do nome dele.
 Q. Depois que vocês lêem a professora dá alguma atividade?
 R. Dá perguntas, dá entendimento do texto, dá para a gente fazer a redação do texto.
 Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
 R. Acho.
 Q. Por quê?
 R. Ah, para melhorar a leitura das pessoas, para melhorar a escrita, acho legal ler.
 Q. Você já pegou revistas, jornais para ver?
 R. Já.
 Q. Você lembra o nome de alguma revista?
 R. "Boa Forma".
 Q. E jornal?
 R. Correio Popular.

Q. Na sua casa tem alguém que você veja lendo?
R. Tem, meu pai, minha mãe e meu irmão.
Q. O que eles gostam de ler?
R. Meu pai jornal, minha mãe revista e meu irmão gosta de ler livros da Disney, ele lê bastante.

Entrevista 10

Questão: Como você se chama? (S10)

Resposta: B.

Q. Onde você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. Dá pra vir à pé?

R. Dá.

Q. Quem são seus amigos aqui na escola?

R. Tem a Karina, a Larissa, a Paty, tem um monte de amigas aqui.

Q. E na sua casa tem bastante?

R. Tenho.

Q. O que você gosta de brincar com elas?

R. De escolinha, de andar de bicicletas, de patins.

Q. E na escola o que você mais gosta de brincar?

R. De conversar.

Q. Você gosta de ler?

R. Eu gosto.

Q. Você lembra de alguma coisa que você leu?

R. Lembro, o livro da Yara.

Q. Qual seria sua leitura preferida se tivesse que optar entre revistas, livros, jornais e gibis?

R. A revista.

Q. Por quê?

R. Porque é mais interessante, eu gosto mais de ler revistas.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ter lido na escola e você não pôde?

R. Tem.

Q. O quê?

R. Eu queria continuar lendo o livro da Yara, mas eu ainda não terminei?

Q. Tem alguma coisa que você mais goste na aula de leitura?

R. Tem, os textos que a professora prepara são muito legais.

Q. Tem alguma coisa que você não goste?

R. Não.

Q. É você quem escolhe o que você vai ler ou é a professora?

R. Às vezes sou eu, às vezes é a professora.

Q. Você prefere a aula de leitura na classe ou na biblioteca?

R. Na biblioteca.

Q. Por quê?

R. Porque a biblioteca é mais espaçosa, a classe é pequena e todo mundo fala na mesma hora e vira uma bagunça.

Q. Você pode levar livros para ler em casa?

R. Não.

Q. Se pudesse, levaria?
R. Levaria.
Q. Tem algum que você gostaria de levar?
R. O livro da Yara.
Q. Depois que você lê a professora dá algum exercício?
R. Dá perguntas, dá pra gente copiar o texto de novo, dá atividades.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Eu acho.
Q. Por quê?
R. Eu acho importante ler para melhorar o português, tem gente que lê mal e fica testando a leitura e lê bem.
Q. Você já leu alguma revista?
R. Já, Atrevida, Capricho.
Q. E jornal?
R. Estadão.
Q. Tem alguém que lê na sua casa?
R. Minha mãe e meu pai.
Q. O que eles mais lêem?
R. Minha mãe lê revista, meu pai lê jornal.

Entrevista 11

Questão: Qual seu nome? (S11)

Respostas: S.

Q. Onde você mora?

R. Vila Marieta.

Q. É perto da escola?

R. É.

Q. Como que você vem para escola?

R. De carro.

Q. Quem são seus amigos aqui na escola?

R. Tenho vários.

Q. E lá perto da sua casa você também tem amigos?

R. Tenho bastante também.

Q. Do que você gosta de brincar com seus amigos na sua casa?

R. De video-game.

Q. Você tem video-game na sua casa?

R. Tenho.

Q. E no recreio tem alguma brincadeira que você faz?

R. Não, eu só converso.

Q. Você gosta de ler?

R. Mais ou menos.

Q. Você se lembra de alguma coisa que você já leu?

R. Não.

Q. Se pudesse escolher entre o gibi, a revista, o jornal e o livro qual você escolheria?

R. O gibi.

Q. Por quê?

R. É mais interessante.
Q. Tem alguma leitura que você gostaria de fazer aqui na escola e não pôde?
R. Não.
Q. Tem alguma coisa que você mais goste nas aulas de leitura?
R. Não.
Q. E que você não goste?
R. Não.
Q. Quem escolhe o que você irá ler?
R. A professora.
Q. E para você isso tanto faz, você gostaria que fosse você ou pode ser a professora?
R. Eu gostaria que fosse eu.
Q. Você prefere a aula de leitura na classe ou na biblioteca?
R. Na biblioteca porque é mais legal.
Q. Você pode levar livros para ler em casa?
R. Não.
Q. Se você pudesse você gostaria de levar?
R. Gostaria.
Q. Você lembra o título de algum que você gostaria?
R. Não.
Q. Depois que você lê a professora dá alguma atividade?
R. Dá perguntas.
Q. Só perguntas ?
R. É, só perguntas.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam.
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Para melhorar o português.
Q. Você já pode pegar revistas, jornais em suas mãos?
R. Já.
Q. Você lembra o nome de alguma revista ou jornal?
R. De revista eu não lembro, mas de jornal eu lembro. É Correio Popular.
Q. Alguém na sua casa lê?
R. Sim, minha mãe.
Q. O que ela lê?
R. Livro.
Q. Você sabe o nome?
R. Não.

Entrevista 12

Questão: Nome? (S12)

Resposta: T.

Q. Onde mora?

R. Bairro Ponte Preta.

Q. É perto daqui?

R. Não.

Q. Como você faz para vir para escola?
R. De perua.
Q. Você tem bastante amigos aqui na escola?
R. Tenho.
Q. E lá perto de sua casa?
R. Lá eu tenho poucos.
Q. O que você gosta de fazer juntos com eles quando acaba seus deveres?
R. De jogar futebol.
Q. Perto da sua casa tem um lugar que você pode jogar futebol?
R. Tem.
Q. Aonde você joga?
R. É uma terra assim que a gente joga num tipo de um campo.
Q. E aqui na escola, qual sua brincadeira predileta?
R. Jogar futebol na aula de Educação Física.
Q. E no recreio, do que você brinca?
R. Eu não brinco, fico conversando e lendo gibi.
Q. Você lembra o nome do gibi que você mais gosta?
R. Do Cebolinha.
Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler aqui e não leu?
R. Não.
Q. Você gosta de ler?
R. Gosto.
Q. Você se lembra de alguma coisa que você já leu?
R. Não.
Q. Se tivesse que escolher entre o gibi, o livro, a revista e o jornal, qual escolheria?
R. O gibi, porque é mais legal.
Q. Tem alguma coisa que você mais goste da aula de leitura?
R. Não.
Q. E que não goste?
R. Não.
Q. É você ou a professora quem escolhe o que você vai ler?
R. A professora.
Q. É sempre a professora?
R. Às vezes, porque às vezes ela coloca os livros na mesa e a gente escolhe o que irá ler.
Q. Você prefere a aula de leitura na biblioteca ou na classe?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Porque tem mais espaço, é mais grande e é melhor.
Q. Você pode levar os livros para casa?
R. Não.
Q. Se pudesse levaria?
R. Levaria.
Q. Qual?
R. Thundercats.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?

R. Para aprender melhorar o português.
Q. Você já pode pegar em suas mãos uma revista ou um jornal?
R. Uma revista.
Q. Qual?
R. Quatro rodas.
Q. E jornal?
R. Não.
Q. Tem alguém na sua casa que lê?
R. Tem, minha mãe.
Q. O que ela gosta de ler?
R. Revista.
Q. Você lembra o nome?
R. Não.

Entrevista 13

Questão: Seu nome? (S13)

Resposta: M.

Q. Onde você mora, M?

R. Na Vila Marieta.

Q. É perto da escola?

R. É.

Q. Como você vem à escola?

R. Venho de carro, às vezes é meu pai ou minha mãe. Mas a maioria é meu pai.

Q. Quem são seus amigos aqui na escola?

R. Tenho muitos.

Q. E na sua casa?

R. Tenho poucos.

Q. Do que você gosta de brincar com eles?

R. De video-game, de futebol e de bicicleta,

Q. Mas qual dessas brincadeiras é mais legal?

R. Jogar bola.

Q. E no recreio?

R. Gosto de ficar conversando.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. Você lembra de alguma coisa que você leu?

R. Eu já li uma revista que meu pai assina, que é Pesca e C&a e às vezes eu pego o jornal também.

Q. De todas as leituras, qual você prefere?

R. O gibi.

Q. Qual?

R. Do Cebolinha e do Seninha.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler e não pôde na escola?

R. Não.

Q. O que você mais gosta na aula de leitura?

R. A leitura, eu gosto um pouco.

Q. E o que você não gosta?
 R. As perguntas.
 Q. É você ou a professora quem escolhe o que você vai ler?
 R. Na maioria da vezes é a professora.
 Q. Você gostaria que isso continuasse assim ou que mudasse?
 R. Que mudasse, só eu escolhesse.
 Q. Você prefere a aula de leitura dentro da classe ou na biblioteca?
 R. Na biblioteca.
 Q. Por quê?
 R. Porque tem mais espaço e é mais silencioso.
 Q. Você pode levar os livros da biblioteca para ler em casa?
 R. Não.
 Q. Se pudesse levaria?
 R. Não.
 Q. Depois de você ler a professora dá algum exercício?
 R. Dá, na maioria da vezes.
 Q. O que ela dá?
 R. Interpretações e questionário pra gente responder.
 Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
 R. Eu acho.
 Q. Por quê?
 R. Para melhorar a Língua Portuguesa e ficar mais inteligente.
 Q. Você já pegou revistas em suas mãos?
 R. Já.
 Q. Quais?
 R. Pesca e C&a e Quatro Rodas.
 Q. E jornal?
 R. Correio Popular.
 Q. E na sua casa tem alguém que lê?
 R. Tem, meu irmão.
 Q. O que ele lê?
 R. Gibis do Seninha.

Entrevista 14

Questão: Seu nome? (S14)

Resposta: T.

Q. T., onde você mora?

R. Vila Georgina.

Q. E como que você vem aqui para escola?

R. Eu venho a pé, com minha mãe.

Q. Você tem muitos amigos aqui na escola?

R. Tenho bastante.

Q. O que vocês fazem no recreio? Vocês brincam, o que fazem?

R. A gente fica andando pelo pátio.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. Você lembra de alguma coisa que você leu?

R. Não.

Q. Você não se lembra, por exemplo, do último livro ou revista que você já tenha lido?

R. Não lembro.

Q. Se tivesse aqui na mesa um gibi, um livro, uma revista, um jornal?

R. O gibi.

Q. Por quê?

R. É mais legal para ler.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ter lido na escola e não pôde?

R. Não.

Q. Tem alguma coisa que você mais goste da aula de leitura e que não tem nas outras aulas?

R. Não.

Q. Tem alguma coisa que você não goste?

R. Não.

Q. É você ou a professora quem escolhe o que você vai ler?

R. É a professora.

Q. E como você preferia que fosse?

R. Ah, não sei, a gente.

Q. Você prefere a aula de leitura dentro da classe ou na biblioteca?

R. Na biblioteca.

Q. Por quê?

R. Ah, não sei.

Q. O que tem na biblioteca que é melhor para ficar ali lendo do que na classe?

R. Ah, ficar em grupo, o espaço.

Q. Você pode levar os livros da biblioteca para ler em casa?

R. Não.

Q. O ano passado você podia levar?

R. Também não.

Q. Se pudesse gostaria de levar?

R. Gostaria.

Q. Tem algum livro que você olha e pensa que aquele ali você gostaria de levar para casa?

R. Tem, mas eu não lembro o nome.

Q. Depois que você o livro a professora dá alguma atividade?

R. Não.

Q. Você acha importante que as pessoas leiam?

R. Acho.

Q. Por quê?

R. Porque aprende mais.

Q. Você já pode pegar em suas mãos uma revista ou um jornal?

R. Já.

Q. Você lembra do nome de alguma revista que você já leu?

R. Veja.

Q. E jornal?

R. Diário do Povo.

Q. Tem alguma parte do Diário do Povo que você mais goste de ler?

R. Não.

Q. Na sua casa tem alguém que você veja lendo sempre?

Entrevista 15

Questão: Qual seu nome? (S15)

Resposta: Fernando.

Q. Onde você mora?

R. Na Vila Ypê.

Q. Como que você faz para vir aqui?

R. Venho a pé.

Q. Você vem sozinho?

R. Eu venho com meu avô.

Q. Quando você não tem nada para fazer em casa o que faz?

R. Vou para rua.

Q. O que você faz na rua?

R. Jogo bola.

Q. Futebol?

R. É.

Q. E tem campo para você jogar futebol?

R. Não, tem trave, tem terra e a gente gente joga ali.

Q. Tem bastante amigo aqui na escola?

R. Tenho.

Q. E lá na sua casa?

R. Também.

Q. Tem amigos da escola que brincam com você lá na sua casa?

R. Tem.

Q. Quem são?

R. É o Douglas, tem as minhas primas que estão aqui na escola na outra classe, tem um monte.

Q. Quais são suas brincadeiras prediletas aqui na escola na hora do recreio?

R. Não tenho nenhuma, porque só pode andar aqui na hora do recreio.

Q. E quando tem educação física?

R. Jogar futebol.

Q. Você gosta de ler?

R. Mais ou menos.

Q. Você lembra de alguma coisa que você leu?

R. Eu lembro.

Q. O que você lembra?

R. Ontem eu estava procurando uma coisa lá da revista, aí eu fiquei vendo a revista.

Q. Tem alguma coisa na revista que você achou mais legal?

R. Tem.

Q. O quê?

R. Mais eu não lembro.

Q. Se você pudesse escolher entre o gibi, a revista, o livro e o jornal qual você escolheria?

R. O gibi.

Q. Por quê?

R. Porque o gibi é mais legal.

Q. Tem alguma coisa que você queria ler na escola e não pôde?

R. Não.

Q. Tem alguma coisa que você mais goste da aula de leitura?

R. Não.

Q. E que você não goste?

R. Tem, um monte de coisa.

Q. O quê, por exemplo?

R. Ah de ficar lendo.

Q. Você prefere uma aula de educação física?

R. É, aí eu prefiro.

Q. É você ou a professora quem escolhe os livro que você irá ler?

R. A professora.

Q. E como você preferia que fosse?

R. Que nós pudéssemos procurar o livro.

Q. Você prefere a aula de leitura dentro da classe ou na biblioteca?

R. Na biblioteca.

Q. Pôr que?

R. Porque é maior e tem mais espaço.

Q. Você pode levar os livros para ler em casa?

R. Não.

Q. Você gostaria de levar para casa?

R. Não. (risos pela sala)

Q. Está certo, tem que ser sincero. Não tem nenhum livro na biblioteca que você ache interessante, como pôr exemplo sobre futebol?

R. Tenho um lá que eu li faz tempo que falava sobre futebol. Tinha dois meninos que jogavam futebol, depois ele ficou doente e quando melhorou teve que engraxar sapato, juntar garrafas.

Q. Se você encontrasse em revistas reportagens sobre a Copa do Brasil você gostaria de ler?

R. Aí, sim.

Q. E depois que você lê a professora dá alguma atividade sobre o que você leu?

R. Tem vezes que ela fala que depois da leitura vai começar a perguntar.

Q. Mas ela já perguntou?

R. Não.

Q. E lá na classe, ela dá atividades sobre a leitura?

R. Tem.

Q. Você acha importante que as pessoas leiam?

R. Os outros sim, eu não.

Q. Pôr que você acha importante que os outros leiam?

R. Não sei.

Q. Você já pegou me suas mãos uma revista ou um jornal?

R. Já.

Q. Você lembra um nome de alguma revista que você já pegou nas mãos?

R. Não.

Q. E um jornal?

R. Não.

Q. Na sua casa você alguém lendo?

R. Não.

Entrevista 16

Questão: Qual seu nome? (S16)

Resposta: E.

Q. Onde você mora, E.?

R. Na Vila Georgina.

Q. Como que você vem para cá?

R. De carro.

Q. Quem te traz?

R. Meu pai.

Q. Você tem amigos perto da sua casa?

R. Tenho.

Q. O que você gosta de fazer juntos com eles quando acaba os deveres?

R. Brincar, de qualquer brincadeira.

Q. Mas qual é a melhor das brincadeiras?

R. Futebol.

Q. E aqui na escola?

R. Também.

Q. E no recreio?

R. Fico andando ou lendo gibis.

Q. Você lembra algum que você leu?

R. Lembro, falava sobre uma programa lá que misturava o programa do Silvio Santos, o "Topa Tudo por dinheiro" com o "Tudo por amor".

Q. Você se lembra de quem que era?

R. Era da Mônica.

Q. Você gosta de ler?

R. Não.

Q. Mas você se lembra de alguma coisa que já leu?

R. Lembro.

Q. O quê?

R. O nome do livro era assim: "Se era mesmo um urso". Ele morava numa floresta e os homens destruíram e construíram uma indústria, aí ele foi lá e os homens achavam que ele era um empregado que estava todo sujo e precisava de um banho. E aí, no final, ele não sabia se ele era um urso ou não.

Q. Se tivesse que escolher entre o gibi, a revista, o jornal e o livro qual você escolheria?

R. O gibi.

Q. Por quê?

R. Porque é mais legal.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ter lido na escola e não pôde?

R. Não.

Q. Tem alguma que tem na aula de leitura que você goste mais?

R. Não.

Q. E que você não goste.

R. Também não.

Q. Você é quem escolhe o que você vai ler?

R. É a professora.
Q. E como você preferia?
R. A gente escolhesse.
Q. Você prefere a aula de leitura dentro da biblioteca ou na classe?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Porque é mais silencioso.
Q. Você pode levar livros para ler em casa?
R. Não.
Q. E você gostaria de levar?
R. Não.
Q. Nem gibi?
R. Não.
Q. A professora dá atividades sobre o que foi lido?
R. Às vezes não, é difícil ela dar.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Para aprender mais.
Q. Você já pôde pegar em suas mãos uma revista ou um jornal?
R. Já.
Q. Você lembra o nome de alguma revista?
R. Não.
Q. E jornal?
R. Também não.
Q. Na sua casa tem alguém que lê regularmente?
R. Tem, a minha mãe.
Q. O que ela gosta de ler?
R. Revistas.

Entrevista 17

Questão: Qual seu nome? (S17)

Resposta: D.

Q. D. , qual o bairro em que você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. Como que você vem para cá?

R. Venho de carro.

Q. Você tem amigos lá perto da sua casa?

R. Tenho muitos.

Q. E o que vocês fazem quando acabam os deveres?

R. Jogar bola, futebol.

Q. E aqui na escola, no recreio?

R. Andar e ficar conversando.

Q. Quais são suas brincadeiras prediletas aqui na escola, na educação física?

R. Jogar futebol.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. Você se lembra de alguma coisa que você leu?
R. Lembro.
Q. Qual você lembra?
R. Do Thundercats.
Q. Vocês leram ou copiaram os desenhos?
R. Só copiamos.
Q. Tem alguma coisa na escola que você gostaria de ler e não pôde?
R. Não.
Q. Se você tivesse que optar entre o gibi, o livro, a revista e o jornal, qual escolheria?
R. O livro.
Q. Por quê?
R. Porque o livro é melhor para se ler.
Q. Tem alguma coisa que você goste nas aulas de leitura que não tem nas outras aulas?
R. Não.
Q. E que você não goste.
R. Também não tem.
Q. Quem escolhe os livros que vocês irão ler?
R. A professora.
Q. E como você gostaria que fosse?
R. Que fosse a gente.
Q. O que você prefere a aula de leitura na biblioteca ou na classe?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Porque tem mais espaço e porque a gente fica em grupo.
Q. Você pode levar livros para ler em casa?
R. Não.
Q. Se você pudesse, você gostaria?
R. Gostaria.
Q. Você se lembra de algum que você gostaria de levar?
R. Não.
Q. Depois que você lê a professora dá alguma atividade?
R. Às vezes, mas normalmente não.
Q. E na classe?
R. Às vezes.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Para aprender.
Q. Você já pôde pegar em suas mãos uma revista ou um jornal?
R. Já.
Q. Você se lembra de algum nome de revista que você tenha lido?
R. Veja e Correio Popular.
Q. Em sua casa tem alguém que goste de ler?
R. Tem, minha mãe e meu pai.
Q. O que eles gostam de ler?
R. Meu pai gosta de ler coisas sobre futebol.
Q. E sua mãe?

Entrevista 18

Questão: Qual seu nome? (S18)

Resposta: P.

Q. Onde você mora?

R. No Jardim dos Oliveiras.

Q. Como você vem para escola?

R. De perua.

Q. P. , você tem amigos perto de sua casa?

R. Tenho.

Q. E você pode brincar na rua?

R. Posso.

Q. E do que vocês brincam?

R. De vôlei.

Q. E aqui no recreio?

R. A gente fica conversando.

Q. E na aula de educação física?

R. Dançar.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. Você se lembra de alguma coisa que tenha lido?

R. Não.

Q. Se você pudesse escolher entre a revista, o gibi, o livro e o jornal, qual você escolheria?

R. O livro.

Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler e não pôde?

R. Não.

Q. Tem alguma coisa que você mais goste da aula de leitura?

R. Não.

Q. E menos goste?

R. Não.

Q. Quem escolhe os livros que vocês irão ler?

R. A professora.

Q. E como você gostaria?

R. Que fosse a gente.

Q. Você prefere a aula na biblioteca ou na classe?

R. Na biblioteca.

Q. Por quê?

R. Para gente ficar junto um com outro.

Q. Você pode levar livros para ler em casa?

R. Não.

Q. E no ano passado podia?

R. Não me lembro.

Q. Você gostaria de levar para casa?

R. Gostaria.

Q. Tem algum que você lembre que gostaria de levar?

R. Não.

Q. A professora dá alguma atividade depois de lido?
R. Na classe.
Q. O que ela dá?
R. Exercícios sobre o texto.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Para aprender.
Q. Você já pôde pegar em suas mãos uma revista?
R. Já.
Q. Qual?
R. Atrevida.
Q. E o jornal?
R. Folha de São Paulo.
Q. Na sua casa tem alguém que goste de ler?
R. Meu pai, minha mãe, eu.
Q. O que seu pai gosta de ler?
R. Jornal.
Q. E sua mãe?
R. Livro.
Q. Você lembra de algum livro que ela leu?
R. Não.
Q. E você, o que gosta de ler em casa?
R. Livro, revista.

Entrevista 19

Questão: Qual seu nome? (S19)

Resposta: L.

Q. Onde você mora?

R. Jardim dos Oliveiras.

Q. Como que você faz para vir para cá?

R. De perua.

Q. Você tem amigos perto da sua casa?

R. Tenho.

Q. O que vocês gostam de fazer?

R. Jogar vôlei, queimada, brincar.

Q. E aqui no recreio?

R. Ficar conversando.

Q. E no recreio?

R. Pular corda, dançar.

Q. Você gosta de ler?

R. Gosto.

Q. Você lembra de alguma coisa que goste de ler?

R. De revistas.

Q. Você lembra o nome de alguma revista?

R. Contigo.

Q. Então entre as outras leitura é a revista que você gosta mais?

R. É.

- Q. Por quê?
R. Tem novidades todo dia, fala as coisas da novela.
Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler na escola e não pôde?
R. Não.
Q. Tem alguma coisa que você mais goste nas aulas?
R. Não.
Q. E que você não goste?
R. Que eu não goste? (silêncio) Não.
Q. É você ou a professora quem escolhe o que irá ler?
R. É a professora.
Q. E como gostaria que fosse?
R. Eu escolhesse.
Q. Você prefere a aula de leitura a biblioteca ou na classe?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. Porque tem mais espaço e porque a gente fica mais unidas, as amigas.
Q. Você pode levar os livros para casa?
R. Não.
Q. E você gostaria?
R. Gostaria.
Q. Tem algum que você lembre?
R. Não.
Q. Depois de ler a professora dá alguma atividade?
R. Dá.
Q. Você lembra o que ela dá?
R. Geralmente quando ela dá o texto, aí ela dá perguntas, agora ela disse que na biblioteca ela vai começar a dar perguntas sobre o texto, o livro.
Q. Você acha que é importante que as pessoas leiam?
R. Eu acho.
Q. Por quê?
R. Porque, por exemplo, quando ela precisar apresentar alguma coisa que ela tiver que ler, ela já vai estar sabendo ler.
Q. Você pôde pegar em suas mãos um jornal?
R. Já.
Q. Qual?
R. O Correio Popular.
Q. E revista?
R. A Atrevida.
Q. Na sua casa tem alguém que lê?
R. Minha mãe, meu pai e meu irmão.
Q. O que eles mais gostam de ler?
R. Meu irmão gosta de ler gibí, minha mãe livro e meu pai.
-

Entrevista 20

Questão: Como é seu nome? (S20)

Resposta: N.

Q. Onde você mora?

R. Jardim dos Oliveiras.

Q. Como você vem para a escola?
R. Às vezes eu venho de carro e às vezes à pé.
Q. Você tem amigos na escola?
R. Tenho.
Q. E lá perto de sua casa?
R. Também.
Q. O que você gosta de fazer com eles?
R. Conversar, passear, sair, dar umas voltas.
Q. E onde mais você acha legal sair com seus amigos?
R. Na sorveteria, no shopping.
Q. E aqui na escola, na hora do recreio, o que você gosta de fazer?
R. Conversar.
Q. Você gosta de ler?
R. Mais ou menos.
Q. Você se lembra de alguma coisa que você leu?
R. Poesias.
Q. Você se lembra de alguma?
R. Tem a de uma menina que cresce, envelhece, ela sofre e morre.
Q. Tem alguma coisa que você gostaria de ler e não pôde na escola?
R. Não.
Q. Tem alguma coisa que você não goste nas aulas de leitura?
R. Quando a professora faz a gente ler cada um uma parte.
Q. É você ou a professora quem escolhe o que você vai ler?
R. A professora.
Q. E como você preferia?
R. Que a gente escolhesse.
Q. Você prefere a aula de leitura na classe ou na biblioteca?
R. Na biblioteca.
Q. Por quê?
R. O espaço.
Q. Você pode levar livros para ler em casa?
R. Não.
Q. E você gostaria de levar?
R. Gostaria.
Q. Depois de ler a professora dá alguma atividade?
R. Na classe ela dá interpretações do texto, só que na biblioteca ela não dá nada.
Q. Você acha importante que as pessoas leiam?
R. Acho.
Q. Por quê?
R. Quando ela precisar arranjar um trabalho e precisar ler para escrever o nome ela vai saber, acho importante.
Q. Você já pode pegar em suas mãos uma revista?
R. Já.
Q. Lembra o nome?
R. Contigo e Veja.
Q. E jornal?
R. Correio Popular.
Q. Na sua casa tem alguém que lê?

R. Tem.

Q. Quem?

R. Meu pai, minha tia e meu tio.

Q. Seu pai o que gosta de ler?

R. Lê tudo.

Q. E a sua tia?

R. Por acaso se sai um anúncio, ela gosta de moda, agora meu tio ele gosta mais de ver a parte de emprego.

ANEXO II:

Entrevista com a coordenadora da escola.

Questão: Qual sua formação?

Resposta: Eu cursei letras, e depois de letras eu cursei psicologia, fiz formação para psicologia clínica, organizacional e psicologia escolar.

Q. Como era organizada a biblioteca quando iniciou suas atividades nesta escola?

R. Então, eu vou contar aquilo que me contaram. Era uma grande reclamação das professoras naquela ocasião em que a biblioteca brilhava, mas ninguém tinha acesso a biblioteca. Os alunos não podiam ler à vontade, assim como é gostoso quando a gente está com vontade de ler, de ver livros, eles tinham que ver os livros quando a bibliotecária solicitava. Ontem mesmo nós conversamos sobre isso numa reunião em que elas não tinham acesso livre à biblioteca. Quando tinha uma supervisora que vinha na escola visitar a escola, a responsável pelo CIC na época, que eu nem conheço, eu estou contando aqui o que me passaram, chamava um grupo de alunos para que se percebesse, assim, o uso da biblioteca e que estava sendo feito um trabalho. Tudo que havia nela reluzia, era tudo muito organizado, tudo catalogado.

Q. Houve alguma mudança depois que entrou na escola?

R. Na escola pública, eu vou falar desta escola, de uma maneira geral são poucas as escolas públicas que possuem um espaço chamado biblioteca, onde estão todos os livros e os alunos podem utilizar, todos os alunos da escola. Esse modelo de biblioteca, que é o modelo que eu mesma utilizei quando eu estudava, não existe mais, ou seja, nós não temos mais a figura do bibliotecário na escola, que eu acho que é uma figura importante, porque ele zela pelos livros, aconselha os alunos, dá até a possibilidade dos alunos emprestarem os livros e levar para casa, que eu acho super importante. Então, nós não temos essa figura, então eu tinha que fazer alguma coisa porque não adiantava nada eu ter livros maravilhosos na biblioteca, sem nenhuma orelhinha e que ninguém abrisse, nem lesse, ninguém visse. O que eu combinei com elas é que nós estaríamos vindo à biblioteca, combinando um horário para que todas as classes pudessem vir acompanhadas de sua professora à biblioteca, ler espontaneamente, ler o livros, ver os livros, ler os jornais, ver as revistas e assim foi feito. Nós trabalhamos assim no segundo semestre de 96 e que deu muito certo.

Aí, a partir de 97, a diretora que começou a trabalhar aqui com a gente, ela achou conveniente seguir os modelos da Secretaria da Educação para a biblioteca, ou seja, a escola não teria uma biblioteca, os alunos teriam os livros na classe e chegaram muitos livros da FDE. E esses livros são os livros paradidáticos, os livros de literatura infantil e que eles foram distribuídos as classes para que os alunos tivessem lá na classe os livros. Só que com isso, alguns livros foram desaparecendo porque alguns professores eram mais organizados, mais controlados e também cuidavam dos livros e outros não. Os alunos levaram os livros para casa e não traziam de volta. Então digamos, dos livros todos que eu tinha, eu tenho a metade. Eu já previa que isso tudo ia acontecer, tanto eu tive livros que

desapareceram como eu tive livros que ficaram empoeirados na prateleira da classe, porque os alunos não mexiam nos livros. Eu não sei, eu suponho porque que eu não estava lá o tempo todo na sala, mas o que eu pude observar é que os professores ficavam tão preocupados em ministrar os conteúdos previstos e não tinha espaço para outra coisa a não ser aquilo que ele tinha programado para aula dele e não necessariamente ler aqueles livros que estavam ali. E os livros foram desaparecendo.

Chegou um dado momento que eu cheguei a conversar com a diretora, quer dizer, reconversar porque não era da minha vontade que isso acontecesse, mas como eu também preciso acatar as ordens superiores eu acabei tendo que ceder, porque isso aconteceu totalmente contrário a minha vontade. Aí eu li muito a respeito, fiz um projeto para biblioteca. Eu levei ela na biblioteca na Universidade. Sabe, nós conversamos muito para eu convencê-la da importância da biblioteca na escola. Está certo que a Secretaria colocou esse modelo da sala de aula, mas na maioria das escolas a sala da biblioteca foi transformada numa sala de aula comum e pela falta de espaço e da figura do bibliotecário acabou-se sendo biblioteca de classe. Os livros ficavam na classe para os alunos e aquela coisa da biblioteca, aquela coisa gostosa, que para mim a biblioteca tem um sabor, ela tem um cheiro, tem uma cor super diferente do que eu ter os livros na minha casa ou no espaço da sala de aula. Então o que aconteceu é que ela retomou essa idéia e isso ela tem de bom ela é flexível, ela faz as coisas e se vê que não deu certo ela aceita voltar. Então, nós voltamos com todos os livros para a biblioteca, mas o que eu pude perceber é que daí já tinham sumido muitos livros, tem professor que é meio possessivo com as coisas. Então ele não entende que o livro é para ele, não é dele. Tudo que eu tenho aqui é para nós, não é nosso no sentido de que eu posso levar para casa, então eu guardo lá na minha estante. Não, o que tenho aqui é para nosso uso, mas não significa que seja nosso. É para quem estiver aqui trabalhando. Não é uma coisa pessoal e as pessoas costumam muito a levar as coisas pelo pessoal e acaba se apossando das coisas e diminuindo a possibilidade das pessoas a possuírem também.. Eu achei que com tudo isso uma coisa que estava ficando encantada, gostosa, aquela coisa que Rubens Alves coloca bem isso que o professor precisa promover ao aluno a fome de aprender, a fome de ler e de ver as coisas e isso tudo que estava sendo cultivado foi como se passasse assim um formicida e tivesse matado tudo.

O que eu percebo hoje nos alunos daqui e até nos professores também, é um descaso com a leitura, não na totalidade, mas naquela frequência que eu sentia que era quando eles vinham a biblioteca e todos os livros estavam ali.

Q. O que eu fico pensando é se essa modificação na forma de organização da biblioteca foi uma determinação da Secretaria ou uma forma de pensar da própria direção?

R. Eu acho que cada escola tem uma realidade, a nossa escola aqui tem um realidade de um espaço muito diferente das outras, é uma escola nova, bonita, espaçosa, cheirosa. Agora cheirosa nem tanto, acho que até poderia ser mais. Digamos que em termos de espaço ela é muito diferente das outras, ela tem um espaço maravilhoso que todo mundo admira, mas a gente não está percebendo o quanto tudo isso é bom. É a mesma coisa de

uma pessoa que tem uma piscina em casa e nunca nada, mas que se não tivesse ficaria: "Ai se eu tivesse uma piscina para eu nadar", a história é a mesma. Quanto a Secretaria, ela coloca alguns modelos para serem seguidos que não condiz muito com a realidade, porque veja bem, num espaço que eles calculam que caibam 35 a 40 alunos e que os acomodem perfeitamente bem, os alunos mal podem se levantar e se locomover dentro da sala de aula, fica aquele aperto muito grande, será que é gostoso ler assim nesse aperto?

Aqui digamos eu tenho um espaço externo, eu tenho árvores que eles podem pegar os livros e ler debaixo da árvore que deve ser uma gostosura para quem faz, embora aqui como eu sempre falo a gente tem todas essas possibilidades e o professor parece que não usa muito bem. Não sei se é falta de prática, eu acho que isso é falta de acreditar mesmo que isso é melhor do que eles fazem, mas eu chego a sentir que os modelos que a Secretaria coloca não dá certo. Eu imagino em outras escolas o espaço é bem menor que esse aqui, então não dá para contar que o aluno vá para fora ficar tranqüilo embaixo da árvore.

As escolas não são assim, vai lá na escola Carlos Gomes e veja se dá para fazer, as salas são muito mais apertadas. Que eu saiba a biblioteca de lá está apodrecendo, chovendo dentro, estragando todo o acervo, que é maravilhoso. Agora aqui na escola, eu tenho o espaço porque não utilizar? Mas esse modelo da Secretaria eu acho que fica muito bonito no papel, na televisão quando eles mostram uma coisa que está dando certo o que eles mostram são dez a quinze alunos. Realmente se eu tivesse que trabalhar com dez, quinze alunos, nossa senhora, poderia me filmar os trezentos e sessenta e cinco dias da semana, até no domingo. Não é a verdade, com trinta e cinco alunos é muito diferente a realidade.

Q. Há uma divisão dos livros na biblioteca por série, por interesse, por assunto, como é essa divisão?

R. O ano passado as estagiárias e eu fizemos uma arrumação na biblioteca, colocando assim em assuntos diferentes, livros didáticos, português, matemática, ciências, e a parte de literatura infantil. E a parte de literatura infantil a gente subdividiu de 7,8,9,10 anos, embora isso não seja importante porque eu tenho quase quarenta e adoro livros de 1ª série.

Q. A biblioteca é bastante freqüentada hoje em dia?

R. Como eu disse à você eu acho que diminui essa vontade de vir à biblioteca, é como se jogasse um formicida naquela fome, naquele prazer de ler, não sei se é uma coisa que está em mim também pelo meu desencantamento, que eu não posso negar, mas se isso se passa comigo, não deve ser muito diferente com os outros. E eu percebo que os professores não vem com tanta freqüência como vinham antes, embora eles tenham um horário para vir regularmente toda semana. Quatro horários que eles podem estar vindo à biblioteca com suas crianças. E mesmo tendo o horário eles não vêm.

Q. Eles não podem levar livros para ler em casa?

R. Fica difícil, porque quem é que vai controlar isso, sabe quando me aparece um aluno me pedindo um livro eu não consigo negar, porque é uma coisa mínima. Então eu acabo anotando o livro para quem eu emprestei e

coloco prazo certinho para ele devolver e ele devolve, pega outro, mas é raro acontecer isso.

Q. Você acha que os alunos possuem material de leitura em casa?

R. Eu acho que material de leitura ele sempre tem, o que eles não tem é um incentivo para essa leitura. O incentivo é que falta ao aluno, porque o jornal é um meio de comunicação barato, é uma leitura barata que é bastante eficiente que ele pode não ter em casa, mas a gente pode estar jogando um jornal fora e essa criança, esse aluno, essa criatura, pode pegar esse jornal e ler, diferente de um livro que a gente não joga no lixo. E eu penso assim, que ele não tem um incentivo dos pais, da família muitas vezes e isso a escola pode promover, mas promover é discutível porque o professor ele só vai poder passar para o alunos aquilo que ele realmente sente. Se ele sente o gosto, o prazer pela leitura ele vai passar isso para o aluno. Se ele é uma criatura que não lê, ele pode ficar falando repetidas vezes ler, ler, ler, que ele não vai ler nunca. É como se eu falasse para você comer uma coisa horrível que você nunca iria comer isso. Mas se você começa a falar com prazer, mesmo que seja um prato estrambótico, aos olhos até não causa muito apetite e você acaba experimentando. A leitura é uma coisa muito parecida com isso. Uma vez eu discuti quanto ao hábito com uma professora e eu coloquei para ela que o gosto é muito importante. Ela colocou que o hábito deve prevalecer para depois vir o gosto, eu não discuti porque eu acho que pode até ter um caso ou outro, uma exceção, mas o gosto é o primeiro, o gosto é essencial. O professor precisa estar gostando do que ele está fazendo para que ele fazer com que o aluno goste também.

Q. No HTP tem alguma solicitação dos professores quanto a orientações para o trabalho com a leitura de literatura infantil?

R. Eu discuti ontem que eu aqui sou a coordenadora e não a professora, embora tenha dado aulas muitos anos no magistério. Suponho que o professor saiba de muita coisa que não precisa falar. Diferente quando eu vou falar para um aluno, porque para ele eu tenho que falar sim. Quando ele já está formado, no magistério a tanto anos, eu suponho que ele tenha coisas para me ensinar e não eu a ele. Mas o que eu venho percebendo é que ou eles sabem e esqueceram e depois vem cobrar de mim, ou então eles não sabem muita coisa. Por exemplo, o trabalho com o jornal. Quando eu falo para o professor trabalhar com o jornal, eu suponho que ele saiba, já que ele é professor. Aí a gente começa a perceber que tem certas coisas importantíssimas que o professor não sabe, só que não são coisinhas para serem ensinadas como a Secretaria coloca, como o MEC coloca, como capacitações, eu acho que isso é formação. Sabe aquela formação que você faz quando você faz com uma universidade bem feita, é por aí sabe?

São coisas que uma universidade oferece, universidade que eu digo é com "U" maiúsculo, porque não é aquelas "faculdadezinhas". São coisas que a universidade oferece e você leva para o resto da vida, não são aquelas coisas que um curso de capacitação pode dar. Porque esses cursinhos de capacitação pode estar instigando coisas que você esqueceu, pode estar dando assim mais idéias as suas idéias, mas ele não vai instruir ninguém. Eu acho que nada nessa vida substitui uma boa universidade em termos de estudo. Depois que passa essa fase que o profissional não foi bem formado, aí o estrago está feito. Tem um professor amigo meu que

falou depois que ele já tem o diploma ele já tem a licença, então aí ele pode fazer o que ele quiser. Tipo o motorista que saiu habilitado mas não tem habilidade nenhuma para dirigir e sai aí batendo nos outros fazendo as coisas erradas. E aí acontece uma coisa ou outra e é morte. Mas no aspecto de ensino, é grave, muito grave, porque não existe a morte da pessoa física, mas existe umas outras mortes que são importantes na vida e faz muita falta na formação. E cada um dá aquilo que tem, ninguém dá o que não tem. Então tem certas coisas que tem a hora certa, então não dá para eu brincar de boneca agora porque eu não brinquei quando eu tinha idade para brincar de bonecas, a idade que eu tinha para brincar de bonecas, de balançar e pular corda eu não tinha o que fazer, não dá para fazer agora. A mesma coisa acontece com a formação, as capacitações colaboram com aquilo que o professor já tem, mas não colaboram em nada com aquilo que ele não tem.

ANEXO III:

Entrevista com Wanderlei Geraldi 28/09/97

Foram feitas questões a respeito da tipologia de leitura descrita pelo autor em suas obras e a distinção das leituras de fruição/ prazer/ lazer.

Resposta: É a produção imediata que interessa no capitalismo, ainda que esse imediato seja uma visão de 10 ou 20 anos. Uma grande empresa laboratorial, na área de farmácia, investe na pesquisa durante 10,15 anos para se ter um remédio, mas ela sabe que quando tiver esse remédio ela vai lucrar com ele. Então, todo o investimento na sociedade capitalista visa produtos que tem a ver com a produção.

Ora, a fruição é precisamente parte do produto final desejado. Ela se define na verdade no caminho. Então, eu não tenho um objetivo a alcançar. O processo de fruição e prazer é um processo que está excluído do sistema, que tem no seu horizonte um objetivo que está definido . Com isso tudo, nesse contexto dessa sociedade, prazer e fruição viraram lazer. Lazer é a organização dos espaços, um escape social dum controle excessivo sobre o corpo e sobre você.

(...)Veja, a sociedade contemporânea não tem festas, tem comemorações. Nós comemoramos, nós festejamos. Quando se está indo à festa, está sem nenhuma preocupação com o produto disponível. Ora, uma escola capitalista, claro que vai excluir o prazer de dentro da sala de aula. Vai buscar o retorno da produção para dentro da sala de aula, numa atividade de leitura que é formativa no sentido de aquilo que sinto prazer, aquilo que eu fluo, passa, mas que é introjetado . Todos acontecimento da história, num tempo que estou vivendo, no momento em que estou vivendo, acontecem sem passar por mim porque não nos atinge.

Ora, o prazer é algo que você nunca vai esquecer que está contido, é interno, particular e portanto a fruição é formadora do seu tempo e não passatempo. Eu diria que a leitura como passatempo é a leitura lazer. A leitura fruição/prazer é uma leitura formativa, que traz experiência estética

da leitura do imaginário, da imaginação, que se passa com ele e não se passa .

(...) Ora, a leitura busca de informações é algo que me forma também. A leitura, veja, em busca de informações tem um objetivo marcado, eu sei o que vai acontecer. Eu estou apostando num futuro que não é nem imediato, nem inediato, que possa acontecer ou não acontecer. É como você estar num minuto disponível, é o modo de fazer, não posso excluir, mas posso controlar. Basicamente é essa distinção que eu estou querendo fazer.

Uma leitura de fruição não é uma leitura feita, o objetivo que quero atingir é a, então eu vou ler para atingir o objetivo. A leitura de fruição é uma leitura em que o objetivo não está fixa.

(...) a primeira leitura é a leitura "estudo do texto", eu pergunto ao texto, eu tenho perguntas, sempre vou ao texto buscar respostas a essas perguntas, é significativo para o leitor.

No "estudo do texto", eu vou e pergunto ao texto, tenho perguntas e respostas.

(...) a leitura "busca de informações" eu pergunto ao texto. No "estudo do texto", eu não vou ao texto com perguntas totalmente organizadas, mas eu vou ver o que o texto contém de respostas as perguntas que o próprio texto formulou, que não podem ser as minhas.

Então, um, eu vou ao texto em "busca de informações", dois, eu vou ao texto com as perguntas e extraio as respostas ("estudo do texto"). Eu vou ao texto ver que perguntas ele tem para me responder e aí eu vejo o que ele tem para me dizer, eu nunca vou fazer um estudo do texto se eu não tenho um objetivo. Então, na leitura informativa eu pergunto ao texto, na leitura estudo do texto eu não pergunto ao texto, mas eu olho para o texto como um objeto capaz de me dizer coisas. Na leitura pretexto, eu vou ao texto com o objetivo de transformação do texto, as três tem objetivo marcado, de transformar em função da ação do que se quer fazer. Agora, a leitura como fruição não. Na fruição, eu não tenho objetivo marcado, esse objetivo não está previsto, ela rende aquilo que pode render segundo o momento que eu

estou vivendo. É só num futuro que eu vou ver que é um investimento a mais longo prazo, é um investimento que não há um objetivo x, o que eu tenho na ementa.

(...)Eu incorporo como experiência de vida aquilo que o texto contém, o que lá adiante vai se chamar por exemplo de prazer, porque não se trata pura e simplesmente dum ato prazeroso que se esvai nele mesmo, mas a fruição contém prazer que me marca, marca a minha história, a isso eu chamo de experiência. Isso não quer dizer que as outras duas não sejam experiências, as outras são marcadas por objetivos circunstanciais , a fruição é marcada pelo processo de formação do sujeito, um ensinamento, a moral de uma fábula, por exemplo, fica para você.

A história dos três porquinhos e do Lobo mau, você tem aquela história da casa firme . Num dia, você trabalha na questão das casas que se foram pelo sopro do lobo mau e a casa que permaneceu em pé. Numa dessas versões, na mesma história, o porquinho que tem a casa de material que não foi derrubado, é solidário e acolhe os porquinhos em sua casa, aquilo que o lobo mau não conseguiu derrubar (e essa solidariedade no acolhimento é uma analogia que tem um princípio em minha cabeça e na do leitor) pode constituir um princípio de vida.

(..) que diz para quem eu devo contar essa história.

No estudo do texto você tem um sujeito informado, como sujeito agente de uma ação, enquanto a fruição me constitui como ser humano.

Quanto maior a minha experiência, maior é a minha fruição. A fruição é muito particular, mas o professor pode fazer mediação sim. Em dois sentidos essa mediação. O primeiro é excluir que a escola só funciona em função de objetivos, de informação imediata para uso imediato, se tornar um sujeito informado.

(...) o sujeito que lê e busca informações é um sujeito na busca de informações, é um sujeito que consome, é um usuário do texto que o usa para tal coisa que quer fazer: eu vou a lista telefônica porque eu quero um número de telefone, eu acho e ligo eu estou sendo um usuário do texto. A leitura estudo do texto, me torna um sujeito informado, a leitura pretexto me

torna um sujeito agente, a leitura fruição me torna um sujeito experiente no sentido de sabedoria.

Experiente não é extrair, é participando das coisas que mexem comigo, que me transformam, que me comovem. Não no sentido de comover, mas “co mover”, de movimento, me movimenta com. Esse texto me movimenta e essa é uma leitura formadora. O professor tem de desvincular do processo de leitura seu processo de mediação dos objetivos imediatos e portando criar oportunidade para essa leitura fruição.

Esse é o primeiro tipo de mediação que o professor faz.

(...)Ora veja, o texto estético pode ser um texto analítico, depende do meu olhar; é o modo como eu leio e saio do texto e não ele por princípio já é estético. É claro há textos mais próximos da possibilidade da leitura como informação, de estudo do texto, que é o texto científico, o texto histórico, analítico.

Numa leitura pretexto, transforma o texto literário ou jornalístico. Veja, se leio um texto literário ou jornalístico a partir da notícia, que é uma história, ele está sendo usado como pretexto. Então você tem um processo ao ler o texto como pretexto a outras ações, o fundamental são outras coisas, então eu transformo esse texto num objeto, mas a leitura fruição é uma leitura que se fecha em si mesma.

Se eu fosse fazer uma analogia, o esquema seria assim, a leitura busca de informações, eu venho com uma pergunta ao texto. Na leitura estudo do texto, eu saio do texto trazendo informações para fora, entendendo o que acontece de natureza econômica, política. etc. Na leitura pretexto, eu venho com um objetivo de fora e levo esse para fora, eu vou para o texto com uma questão e saio do texto com essa questão. Na leitura fruição, eu, do meu texto me fecho.

(..)O segundo tipo de mediação que o professor pode fazer, eu vou chamar de oportunidade, o professor precisa entender que essa leitura é possível, que pode ser desenvolvida e que eu não tenho que avaliá-la de imediato, mas tem um espaço, um processo que vai durar o resto de minha vida.

O terceiro tipo de mediação que faz o professor na leitura fruição é o de apontar certas coisas, levantando questões que o texto quer colocar. Aqui eu diria assim, o texto literário, o texto ficcional. Ele, contando a história de um menino que não é, ele me dá categoria. Eu vou voltar ao texto aqui que eu tomei como exemplo, num mundo em que as pessoas são diferentes e constroem diferentemente casas. Num mundo que as pessoas não tem solidariedade. Então, eu tomando o princípio da solidariedade e não me lembro mais qual foi o porquinho que constrói essa casa, mas, eu tomando o mundo da solidariedade que não há no mundo, eu tenho uma idéia do que o mundo poderia ser. Eu chamarei esse trabalho de mediação de elicitar, elicitación de funções, porque o professor é um leitor mais experiente que um aluno. Então, no processo de formação é fazer mediação, ele seria o interlocutor da relação do leitor e o texto e tem também o autor, tem uma relação, então, triática.

O quarto tipo de mediação do professor, ele, que tem mais experiência que o leitor e portanto é capaz de elicitar mais coisas, é o de formular questões. O bom professor não é aquele que tem respostas, mas aquele que sabe formular questões. Agora não cabe eu agora querer cobrar. Veja, o prazer do corpo está proibido na sociedade, ele é altamente controlado.

* Essa entrevista não está literalmente transcrita pois o som do ambiente externo interferiu na gravação das respostas, dificultando a sua compreensão.

ANEXO IV:

Entrevista com Nelson Marcelino, professor da FEF/UNICAMP

Foram feitas questões gerais a respeito da distinção entre prazer e lazer e se o livro literário tem sido uma atividade de prazer nas escolas.

Resposta: Existe uma distinção, eu posso ter lazer sem prazer, como ler uma obra de Machado de Assis, que pode ser lazer, mas posso não estar tendo prazer. Suponha, por exemplo, um ginasta. Quando você vê ele fazer acrobacias, quando você vê, você fala “Que leveza!”, mas não sabe quanto tombos ele levou para chegar até aquele lugar.

Olha, eu costumo definir lazer como a cultura vivenciada, que é praticada consumida e conhecida no tempo disponível, que é de livre escolha, dá prazer e propicia a essa pessoa condições de descanso, desenvolvimento e divertimento. Agora talvez você esteja chamando de prazer, o que eu chamo de lúdico. O lúdico é uma coisa mais ampla que lazer é um componente da cultura e esse componente lúdico da cultura vem caracterizado pela espontaneidade, pelo prazer, pela alegria, pela festa e entra no jogo, no brinquedo, na festa. Pode se manifestar no trabalho, pode se manifestar no lazer e em outras áreas da vida cotidiana da pessoa.

O papel do educador no lazer da criança é que a escola deve ter uma educação para o lazer. Educar para o lazer significa mostrar a importância do lazer e dar iniciação aos conteúdos culturais e nesse sentido a literatura, seria um desses conteúdos culturais ligados aos interesses artísticos do lazer. Logo, interesses intelectuais que podem se artísticos também.

Então, tem o aspecto estético da literatura e tem o aspecto informativo. Nós temos interesses artísticos e interesses culturais. Então, entraria nesses dois conteúdos culturais do lazer. Então, tem um papel muito grande e o que a gente tem observado que esse papel é desenvolvido de maneira negativa pelas escolas, pela imposição de livros, imposição de

autores, às vezes livros não adequados para aquela faixa etária que faz a criança pegar ojeriza daquele determinado autor.

Tudo o que você é obrigado a fazer na infância, tudo o que você é obrigado a fazer, você não repete no seu fazer, você quer fugir daquelas coisas que foram obrigadas. Cai incrivelmente a participação em atividades físicas, por exemplo bola, as coisas funcionam dessa maneira no mundo todo.

ANEXO V:

Modelo de ficha de leitura

[illegible]

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny (1991). Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. 2 ed. São Paulo, Scipione.
- BARBOSA, José Juvêncio (1990). Alfabetização e Leitura. 4 ed. São Paulo, Cortez
- BARTHES, Roland (1993). O prazer do texto. 3 ed. São Paulo, Perspectiva.
- CUNHA, M. A. Antunes(1986). Literatura Infantil: Teoria e Prática. 5 ed. São Paulo, Ática.
- ENGUITA, Mariano (1989). A Face Oculta da Escola. Educação e Trabalho no Capitalismo. Porto Alegre, Artes Médicas.
- FERREIRA, Norma S. de A. (1983). Literatura infanto-juvenil: Arte ou Pedagogia Moral? São Paulo, Cortez Editora/Unimep.
- FONTES, Joaquim Brasil. (1987) O Impossível Prazer do Texto. Leitura: Teoria e Prática. No. 9, p. 8-12.
- FOUCAMBERT, Jean. (1994). A Leitura em Questão. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GARCIA, Edson Gabriel. (1988) A leitura na Escola de 1º grau. São Paulo, Loyola.
- GERALDI, João W. (1984)Prática de Leituras de Textos na Escola in Leitura: Teoria e Prática. No3 , p.25-31.

- JOSÉ, Elias.(1987) Literatura Infantil: Opção ou Imposição in Leitura: Teoria e Prática. No 10, p 3-4.
- MAGALHÃES, M. H. de A. (1982) Leitura Recreativa na Escola de 1º Grau in Leitura e Prática. No 0,p33-34.
- MAGNANI, Maria do R. M. (1989) Leitura, Literatura e Escola. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- MARTINS, Maria H.(1991) O que é Leitura? 13 ed. São Paulo, Brasiliense.
- PERROTI, Edmir. (1986) O texto Sedutor Na Literatura Infantil. São Paulo, Icone.
- ROCHA, Ruth. (1983) Para Não Vacinar a Criança Contra a Leitura in Leitura: Teoria e Prática. No 2, p. 3-10.
- SILVA, Ezequiel T. da. (1988) Elementos de Pedagogia da Leitura. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- SILVA, Ezequiel T. da & Zilberman,R (1990). Literatura e Pedagogia: Ponto e Contraponto. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto.
- SILVA, Ezequiel T. da (1995). Leitura na Escola e na Biblioteca. Campinas, Papirus.
- SILVA, Lillian L. Martin da (1986). A Escolarização do Leitor. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- SOUZA, Maria S. Daros de (1993).A Conquista do Jovem Leitor: Uma proposta alternativa. Florianópolis, Editora da UFSC.

WORNICOV, R ... [et al.] (1986)Criança Leitura Livro. São Paulo, Livraria Nobel.